

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

**O TEATRO COMO PROVOCAÇÃO LITERÁRIA  
EM RIO GRANDE NO SÉCULO XIX**

Leandro Kerr Gimenez

Rio Grande, 2017.

Leandro Kerr Gimenez

# **O TEATRO COMO PROVOCAÇÃO LITERÁRIA EM RIO GRANDE NO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz

Rio Grande, 2017.

Leandro Kerr Gimenez

# **O TEATRO COMO PROVOCAÇÃO LITERÁRIA EM RIO GRANDE NO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração História da Literatura.

## **Banca examinadora**

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz – FURG (Orientador)

Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos (FURG)

Prof. Dr. João Luis Pereira Ourique (UFPel)

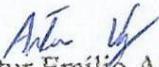
Rio Grande, 08 de setembro de 2017

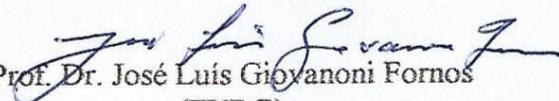


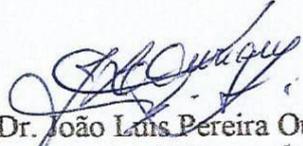
**Leandro Kerr Gimenez**

*O teatro como provocação literária em Rio Grande no  
século XIX*

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:

  
Prof. Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz  
(FURG) - (Orientador)

  
Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos  
(FURG)

  
Prof. Dr. João Luís Pereira Ourique  
(UFPel)

*Que a Virtude luzir há de entre os risos,  
E d'arte da ilusão tirar proveito.*

Carlos Antonio da Silva Soares

*Dedicado aos que sempre acreditaram.*

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz, pela orientação, incentivo e paciência; ao meu avô James Kerr e a minha mãe Irma Kerr, por fornecerem a base necessária para meus estudos; ao meu irmão Thiago Kerr, pelo exemplo de convicção e coragem; à Patrícia Regina da Silva, pessoa com quem amo partilhar a vida e, que de forma especial e carinhosa, me deu forças para continuar; ao Jhiessicker e à Jhiordana pelos sorrisos que trazem a nossas vidas. Por fim, agradeço a mim e a todos meus protetores.

## RESUMO

Esta dissertação visa apresentar, dentro da História da Literatura, a colaboração do teatro para a origem e a consolidação de manifestações literárias na cidade gaúcha de Rio Grande, no século XIX. Pretende-se verificar qual foi a importância do Teatro Sete de Setembro, inaugurado em 7 de setembro de 1832, para a formação da literatura local e sul-rio-grandense, verificando se textos poéticos e dramáticos, produzidos a partir do surgimento de tal teatro, influenciaram autores coetâneos e as gerações seguintes, contribuindo com a solidificação cultural da cidade e, posteriormente, com a história literária local e regional.

Assim, pretende-se traçar – a partir de periódicos e outras fontes primárias do século XIX – uma linha temporal que compreenda o período da implantação das casas de espetáculos dramáticos no extremo sul brasileiro ao longo do século XIX, visto que, ao observar a formação da literatura em Rio Grande, percebe-se uma cadeia linear, que se vê influenciada pelos textos representados no teatro local e pelos livros importados, e que também influenciará os autores locais – de textos teatrais ou não – que surgiriam nas décadas seguintes.

**Palavras-chave:** Teatro; Literatura sul-rio-grandense, sistema literário.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría consiste en presentar, dentro de la Historia de la Literatura, la colaboración del teatro para el origen y para la consolidación de manifestaciones literarias en la ciudad de Rio Grande (Rio Grande do Sul), en el siglo XIX. Se pretende verificar cuál fue la importancia del Teatro *Sete de Setembro*, inaugurado el 7 de septiembre de 1832, para la formación de la literatura local y *sul-rio-grandense*, verificando si textos poéticos y dramáticos, producidos a partir del surgimiento de tal teatro, influyeron en autores contemporáneos y en las generaciones siguientes, contribuyendo con la solidificación cultural de la ciudad y, posteriormente, con la historia literaria local y regional.

Así, se pretende trazar -a partir de periódicos y otras fuentes primarias del siglo XIX- una línea temporal que comprenda el período de la implantación de los establecimientos de espectáculos dramáticos en el extremo sur de Brasil a lo largo del siglo XIX, visto que, al observar la formación de la literatura en Rio Grande, se nota una estructura lineal, que se ve influida por los textos representados en el teatro local y por los libros importados, y que también influirá en los autores locales -de textos teatrales o no- que surgirán en las décadas siguientes.

**Palabras clave:** Teatro; Literatura *sul-rio-grandense*, sistema literario.

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
1. A sociedade leitora de Rio Grande no século XIX .....	15
2. A fundação do Sete de Setembro e a década de 1830 .....	26
3. A formação do sistema literário na década de 1850 .....	44
4. A consolidação do sistema literário na década de 1870 .....	57
Conclusão .....	68
Referências .....	69
Anexos .....	72

## INTRODUÇÃO

Ao averiguar a colaboração do Teatro Sete de Setembro na formação e consolidação da literatura como atividade sociocultural, na cidade gaúcha de Rio Grande, no século XIX, pode-se verificar qual sua importância para a formação da literatura local e sul-rio-grandense e, dessa forma, irá se abrir a possibilidade de repensar sobre a literatura inicialmente produzida no Rio Grande do Sul, nas décadas anteriores ao Partenon Literário<sup>1</sup>, ponto de partida de grande parte do cânone sul-rio-grandense.

A partir das informações encontradas em periódicos do século XIX – como críticas, poemas e textos dramáticos – será possível realizar análises históricas e literárias que permitam entender melhor esse período e essa região. Nesse sentido, o material sobre a produção literária de Rio Grande, anteriores e posteriores a instalação do teatro na cidade, poderá, além de traçar seu desenvolvimento, servir como fonte para outras pesquisas sobre a literatura sul-rio-grandense do século XIX.

A importância deste trabalho justifica-se ao trazer à luz diferentes aspectos que contribuíram para a origem e a consolidação da literatura através da influência teatral na cidade de Rio Grande no século XIX. Além disso, a pesquisa colabora com o resgate de autores pouco conhecidos da literatura sul-rio-grandense e que tiveram um papel importante na formação intelectual e literária no extremo sul do Brasil, ampliando dessa forma o conhecimento da literatura e do contexto histórico do Rio Grande do Sul nesse período e viabilizando o entendimento desse sistema literário.

Através do resgate de textos e autores que atuaram em um período anterior ao que as histórias da literatura tradicionais consideram como a consolidação do sistema literário do Rio Grande do Sul, a presente dissertação poderá discutir, utilizando-se para tal a noção de “sistema literário” proposta por Itamar Even-Zohar (2007) em *El sistema literario*, se os textos líricos e dramáticos produzidos e lidos em Rio Grande no século XIX tratam-se apenas

---

<sup>1</sup> Para Regina Zilberman (1992), tal instituição foi a responsável pela consolidação e o início efetivo da literatura no estado, apoiada no que seria a formação do primeiro sistema literário por meio da circulação dada aos textos a partir, principalmente, com a criação de uma *Revista Mensal* (1869-1879).

de manifestações literárias ou configuram-se como sistema literário, originadas a partir da implantação do Teatro Sete de Setembro na cidade de Rio Grande.

Segundo Antonio Candido (2009), em *Formação da literatura brasileira*, o sistema literário é formado a partir do processo “autor – obra – leitor”, o que provoca a condição mínima para a existência de um fenômeno literário. Dessa maneira, o autor estabelece uma distinção entre manifestações literárias e sistema literário, em que as primeiras se tratam de obras que, ainda que possuam sua importância, não fazem parte da tradição literária nacional, isto é, não influenciam os produtores posteriores a elas.

Nesse sentido, teóricos da História da Literatura e da historiografia literária sul-rio-grandense, como, por exemplo, Guilhermino César (1971) e Regina Zilberman (1992), consideram que, com surgimento da Sociedade do Partenon Literário (1868), estabelece-se um marco divisório na literatura gaúcha, compreendendo, segundo tais teóricos, a distinção entre “manifestações literárias” e uma “literatura” mais consistente, enquanto sistema literário, como pode ser verificado a partir da declaração: “Até aqui, antes do aparecimento do „Partenon“, fora desordenada a atividade literária” (CESAR, 1971, p. 173).

Por outro lado, Itamar Even-Zohar (2007) apresenta uma série de fatores que envolvem a construção e funcionamento do sistema literário, buscando redefinir seu conceito e propondo ampliar seu campo de ação e de interação. Deste modo, desenvolve o que chama de “teoria dos polissistemas”, oferecendo elementos que implicam em um polissistema literário, sendo eles: produtor, consumidor, instituição, mercado, repertório e produto.

Ao utilizar o termo “produtor” ao invés de “escritor”, Even-Zohar amplia o campo de atuação desse elemento, o fazendo participar de um conjunto de atividades e não apenas a um único papel no sistema literário.

Em relação ao “consumidor”, o autor afirma que estes consomem o papel sociocultural que a atividade em questão proporciona e destaca a existência de consumidores diretos e indiretos. Assim, os diretos são os indivíduos efetivamente interessados em atividades literárias; já os indiretos referem-se aos que consomem apenas fragmentos literários transmitidos por agentes culturais diversos.

A “instituição” agrega fatores que mantêm a literatura como atividade sociocultural, conduzindo os princípios que prevalecem no polissistema. Assim, inclui uma parte dos produtores, como periódicos, editoras, críticos literários, grupos de escritores, entre outros. Já o “mercado” são os fatores que provocam a compra e venda dos produtos literários e promove opções de consumo.

O “repertório” é, para esse teórico, um agregado de regras, materiais e conhecimentos compartilhados, utilizado na composição e entendimento de qualquer produto literário. O “produto” seria, não apenas o texto, mas qualquer material retirado das obras ou que se referem a elas, como resumos, resenhas críticas, citações, referências, entre outros.

Assim, não haveria um fator de maior ou menor importância no sistema literário, pois para que tenha funcionalidade todos os fatores apresentados têm sua importância e interdependência, sem qualquer um deles este sistema não funciona.

Logo, Even-Zohar entende por sistema literário “la red de relaciones hipotetizadas entre una cierta cantidad de actividades llamadas “literarias”, y consiguientemente esas actividades mismas observadas a través de esta red.” (EVEN-ZOHAR, 2007, p. 29). De modo semelhante, Antonio Candido afirma que “sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências [...] surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura.” (CANDIDO, 2009, p. 24-25).

Visto que ambos os teóricos registram que a literatura não existe somente a partir de textos, mas a partir da inserção destes num contexto social e fazendo parte de um conjunto de atividades literárias, o teatro rio-grandino, como instituição, agrega fatores que implicam na manutenção da literatura como atividade sociocultural, colaborando para a formação desse sistema literário, pois funciona como um agente incentivador e promotor da literatura – colaborando com que as demais classes envolvidas na rede literária.

## 1. A SOCIEDADE LEITORA DE RIO GRANDE NO SÉCULO XIX

Na segunda metade do século XVIII, as representações teatrais adquiriram regularidade e foram, mais tarde, impulsionadas pela vinda de Dom João VI e a família real em 1808. Dom João mandou construir, no Rio de Janeiro, o Teatro São João, que trocava de nome sucessivamente, até, finalmente, Teatro João Caetano, homenagem ao primeiro grande ator dramático do teatro brasileiro.

No extremo sul brasileiro, na cidade gaúcha de Rio Grande, o primeiro relato sobre a existência de uma construção propriamente voltada à atividade teatral, segundo Lothar Hessel (1999), é do comerciante inglês John Luccock, em 1809. Em suas anotações, tem-se o relato do encontro de ruínas de um teatro de madeira, sendo este localizado próximo à residência do governador, na hoje Rua General Bacelar esquina Pinto Lima. Tal teatro, possivelmente, datava do final do século XVIII e apresentava as mesmas características das Casas da Comédia ou Casas da Ópera existentes em importantes cidades de outras regiões do país.

Outra observação importante destacada por Hessel (1999) para a constatação da existência de práticas teatrais na cidade de Rio Grande no início do século XIX é feita por Antenor Monteiro ao descrever, em seu artigo publicado no jornal *Rio Grande*, em 19 de agosto de 1946, que, em um ofício da Comandância Militar, ao narrar as festas ocasionadas pelo aniversário do Imperador em 1829, encontra-se que “em Teatro particular se pôs em cena, à noite, uma peça”, sendo essa representada por oficiais do batalhão local e alguns particulares.

Monteiro aponta ainda que no ano seguinte, 1830, a Câmara Municipal recebeu uma representação em que se solicitava multa para o suplente de vereador Manuel Pereira Bastos<sup>2</sup> “por não ser verdadeira a alegação de moléstia para não assistir às sessões, pois foi visto no dia 12 [de outubro] na Casa da Ópera, enquanto ela [a peça] durou”. No entanto, as atividades

---

<sup>2</sup> Pai de Manuel Pereira Bastos Júnior (Rio Grande, 6 abr. 1832; Rio de Janeiro, 22 jul. 1903), autor de *O nobre e o plebeu* (Rio de Janeiro, 1852) e *A condessa d’Azola* (Rio de Janeiro, 1853).

cênicas em Rio Grande ganharam impulso a partir de 1832, com o Teatro Sete de Setembro.

No capítulo “O brasileiro, um leitor em formação”, disponível em *A formação da leitura no Brasil*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999) contextualizam o início dos processos que contribuíram para a formação de uma sociedade leitora no Brasil. Assim sendo, vê-se que, embora a Europa já possuísse livros publicados desde séculos anteriores, em terras brasileiras o processo de textualizar o leitor ocorre com a ficção romântica, no século XIX. Desse modo, sabe-se que

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 18)

Nesse sentido, é válido destacar que Rio Grande, sendo a mais antiga localidade do Rio Grande do Sul, apresentava, em um momento brevemente anterior ao descrito pelas autoras na citação acima, um desenvolvimento econômico e cultural destacado, tendo, também, tais traços que fortalecem uma sociedade leitora. No jornal *O Noticiador* do dia 8 de outubro de 1832, é possível constatar tal afirmação:

Nela se tem edificado muito boas casas de sobrado, e outras se estão construindo com elegância e grandeza: além disso tem uma regular Aula Nacional de ensino mútuo, em um edifício próprio: tem uma escola particular de Meninas; uma aula particular de gramática latina e de francês; uma livraria escolhida de três mil e tantos volumes, também particular mas que o seu proprietário a tem tornado pública; uma casa de sobrado, de propriedade Nacional, grande e com muitos cômodos para receberem e guardarem o gêneros de comércio; uma casa própria da Câmara Municipal, com sua competente Roda para Expostos; um elegante Teatro, ereto à expensas de uma Sociedade particular de cidadãos; um Hospital de Caridade, mantido presentemente por subscrição de outra, em que concorrem respeitáveis Sras.; duas tipografias, três jornais, sendo um inteiramente comercial (*O Noticiador*, 8 out. 1832, p. 1)

Dentre as tipografias existentes, destaca-se a de Francisco Xavier Ferreira<sup>3</sup>, na qual se produziu o jornal *O Noticiador* na então Vila do Rio Grande, atual cidade de Rio Grande, o qual representa o pioneirismo da imprensa no extremo sul do Brasil, pois nele estão registradas as primeiras manifestações literárias impressas na região e que circularam no período de 1831 até 1836.

A passagem destacada acima apresenta uma cidade com um bom número de estabelecimentos voltados ao ensino, além de escolas particulares. Nesse sentido, cabe ressaltar um relatório, publicado no *O Noticiador* em 1835 e assinado por Joaquim Francisco dos Santos Abreu (1813-1841), sobre a educação na cidade, na qual descreve os professores e suas respectivas aulas. Sobre os estabelecimentos de ensino têm-se:

Três aulas públicas existem nesta cidade; e cinco particulares. A saber as três, são duas de meninos, e uma de meninas, e as cinco, três de meninos e duas de meninas; contanto todas estas aulas, o número de 120 alunos e 73 alunas; no total 193. (*O Noticiador*, 7 set. 1835, p. 2)

Na sequência, o relator informa os mestres de tais estabelecimentos de ensino, sabe-se, portanto, que as instituições públicas têm por professores João Alves de Souza, Isidoro José Lopes<sup>4</sup> e Catharina Lopes de Leão; já as particulares contam com Isidoro José Lopes, João Antonio da Cruz, Luiz Antonio Pereira da Costa e sua esposa Maria Luiza Nascimento e Alexandrina Caetana da Silva. Desse modo, constata-se a predominância, ainda que mínima, por professores do sexo masculino, assim como ocorre com o número de alunos. Entretanto, fica-se sabendo do diferente modo em que o ensinamento é passado aos jovens rio-grandinos. Enquanto os professores trazem o ensino de latim, gramática portuguesa, primeiras letras e aritmética

---

<sup>3</sup> Francisco Xavier Ferreira (1771-1838) foi farmacêutico, jornalista, poeta e político. Em sua tipografia foi impresso, em 1831, o *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil*, sendo esta a primeira publicação da cidade de Rio Grande, RS.

<sup>4</sup> Isidoro José Lopes (Portugal, 17??; Rio Grande 27 set. 1848) foi professor em Rio Grande e em Porto Alegre, cidades em que também atuou como dono de tipografia. Em Porto Alegre, dirigiu o jornal *O Comércio* (1838) e fundou o Colégio Riograndense. O livro *O ramalhete*, de Ana Eurídice Eufrosina de Báranda, foi publicado em 1845 em sua tipografia.

para meninos; as professoras instruem às meninas as primeiras letras, as quatro operações matemáticas, além da costura.

Desse modo, encontra-se a situação rio-grandina em acordo ao descrito por Lajolo e Zilberman em “A leitora no banco dos réus”, presente na obra *A formação da leitura no Brasil*. Segundo as autoras, após a independência do Brasil, inicia-se um projeto educacional para a nova nação, incluindo, ainda que marginalmente, a instrução da mulher; sua presença e participação se fizeram notar a partir do surgimento da imprensa e do fortalecimento da escola, o que lhe conferiu a condição de sujeito diferenciado, marcado pela identidade de gênero.

Ainda no relatório realizado por Joaquim Francisco dos Santos Abreu, encontram-se relatos de insatisfação dos professores pela falta de utensílios necessários para um melhor desempenho. Deste modo, visando consolidar noções de lar e família na educação das crianças da classe burguesa, transfere-se à mulher tal obrigação, além de definir suas funções domésticas.

Assim, cabe ao relator solicitar melhorias aos governantes, como aparece em:

A educação da mocidade tem merecido a mais judiciosa atenção de todos os governos livres; e na verdade, nada há mais importante, para qualquer Estado, do que uma desvelada educação de seus filhos, por isso eu ousou levantar minha débil voz em abono dessa bela porção da Nação, pedindo a Câmara que não cesse de promover os meios necessários, (que estiverem a seus alcance) para a educação da mocidade, afim que um dia possamos ombrear com essas Nações cujas luzes nós tanto apreciamos. Com isso a Câmara dará mais uma prova de seus amor às letras e o quanto deseja aumentar a Gloria da Nação brasileira. (*O Noticiador*, 7 set. 1835, p. 3)

Conforme destacado anteriormente, o projeto educacional brasileiro começa a ser fortalecido após a independência do país. Por ter esse relatório sobre o sistema educacional rio-grandino sido publicado no dia das comemorações da independência brasileira, constata-se ainda a busca pela consolidação desse sistema como forma de desenvolver o novo país.

De tal modo sendo, assim como ocorreu no Rio de Janeiro descrito por Lajolo e Zilberman, acredita-se que a educação das crianças burguesas e o aumento de leitores do público feminino fizeram com que o modo de produção

e circulação da literatura sofresse alterações, fazendo com que os textos passassem por mudanças estruturais, pois deveriam adaptar-se ao novo público. Surgem, então, novos gêneros literários, mais prosaicos, e começa a desgastar-se o emprego de expressões elevadas. Entretanto, as autoras afirmam que

ainda que como projeto o magistério sele o ingresso da mulher no mundo da leitura, mundo no qual ela encontra a possibilidade de profissionalizar-se, como prática efetiva, parece exercer-se sempre longe das páginas dos romances, onde só chegam alusões a ele. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 73)

Um exemplo, também retirado d'“*O Noticiador*”, sobre como o modo de produção sofreu alterações e como era vista essa nova leitora, encontra-se na poesia “Lá vai verso”, publicada no periódico em 1º de junho de 1833, sendo esta uma republicação do jornal carioca *O Mosquito*. Em um ambiente onde surgem cada vez mais leitores e, principalmente, novas leitoras, a poesia em questão exerce uma função pedagógica, demonstrando em versos repletos de ironias, como uma mulher deveria se postar, desde sua juventude até a velhice, diante da sociedade. Exemplificando, têm-se na estrofe seguinte uma instrução de como seria vista pela sociedade alguém que usasse vestidos curtos e costurasse fora do padrão.

Aquele que inventa modas,  
Faz vestidos degolados,  
E tão curtos, que aparecem  
De saia branca os babados,  
E com ele vai à festa:  
Desonesta.

E, em outra estrofe, é possível encontrar registros de como a leitura feminina era vista pela sociedade:

A que lê livros de amores,  
De versos gosta a leitura,  
Gasta o tempo em ler gazetas,  
E não sabe o que é costura;  
De mulher tal o governo  
É um inferno.

Assim, nota-se que a mulher, ainda que tivesse adquirido o direito da leitura, bastava-se com a considerada baixa literatura, sendo retratada no poema como uma leitora de romances, poesias e jornais. Embora tal hábito seja retratado como algo positivo, de nada valeria se esta não dominasse a habilidade da costura, evidenciando o caráter de trabalhadora doméstica a qual ficava reservada.

Além dos exemplares do jornal *O Noticiador*, em que já aparece a venda de romances ou livros de poesias, as primeiras notícias de livros lidos em Rio Grande estão no testamento de Xavier Ferreira (ARAÚJO, 1999), em que há indícios da venda de livros em Rio Grande, já que em sua biblioteca havia os mais diversos autores da literatura mundial, como os clássicos *Arte de amar*, de Ovídio; *Ilíada* e *Odisséia*, ambas de Homero; as obras portuguesas *Ruínas*, de Volnei (1757-1820), e *Esopaida*, de Antônio José da Silva (1705-1739); e até mesmo os brasileiros *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1722-1784), e *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano*, de Domingos Borges de Barros (1780-1855).

Sobre a biblioteca de Antonio Carneiro, igualmente morador de Rio Grande, Araújo afirma que

não existe um peso específico numa determinada área, embora proliferem as novelas francesas em traduções portuguesas, de gosto duvidoso, ao lado de livros importantes da bibliografia de ficção e poesia, dos clássicos e neo-clássicos. (ARAÚJO, 1999, p. 73)

Assim, após o levantamento de dados em fonte primárias e secundárias, foi possível constatar que a cidade de Rio Grande proporcionava ainda na primeira metade do século XIX variados meios que possibilitavam a formação de leitor dos cidadãos rio-grandinhos. Portanto, conforme afirma Jorge de Souza Araújo, “Rio Grande parece ter sido de fato uma cidade onde se lia muito, sobretudo no século passado [XIX]. Pela documentação disponível, é seguramente a que mais se distingue no número e na variedade dos livros” (ARAÚJO, 1999, p. 288).

Dentre alguns inventários de Rio Grande pesquisados pelo autor, destaca-se o de Francisco Xavier Ferreira e sua esposa Ana Joaquina Ferreira, visto que “a biblioteca do casal é das mais ricas e variadas, possivelmente

maior em número de volumes, de matérias e de autores diversificados, no Brasil do século XIX”, conforme “documento do 1º Cartório do município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 1838, sendo inventariante José Xavier Ferreira” (ARAÚJO, 1999, p. 460). Sobre esse aspecto, Araujo aponta:

O modelo de leituras parece não destoar das verificadas anteriormente e que orientam o gosto literário e a aferição intelectual do leitor brasileiro em fins do período colonial. São obras cobrindo os mais distintos setores de um conhecimento multiforme, especialmente a literatura, de origem francesa ou portuguesa, a que se acrescentam autores e assuntos relacionados com a Filosofia, o Direito, a Economia política, e as Ciências naturais, físicas, químicas e matemáticas. Em números, 760 títulos, em termos aproximados, e mais de 2 mil volumes, avaliados por João Batista de Figueiredo Valadares e Antonio José Domingues, constituem a bem servida biblioteca rio-grandense do século XIX. (ARAÚJO, 1999, p. 460).

Nota-se, portanto, que o consumo cultural não se restringia apenas ao novo teatro, mas também à arte literária. Assim sendo, é possível entender como que a literatura escrita e lida em Rio Grande estava em comunhão com a existente em outras cidades brasileiras, visto que havia a circulação de livros e jornais diversos, devido às livrarias e tipografias presentes na cidade, além da preocupação com a educação de seus cidadãos por meio de locais de ensino e um teatro capaz de contribuir para o entretenimento e civilidade.

Nas décadas de 1830 e 1840, havia livreiros atuando na cidade: Francisco Xavier Ferreira (que faz propaganda n.º *O Noticiador*, 10 abr. 1832), José Rodrigues Viana (*O Noticiador*, 13 abr. 1832), José Luiz Augusto da Silva (*O Noticiador*, 13 dez. 1832), Francisco Ferreira Soares e Antonio de Souza Guerra (*O Noticiador*, 8 jan. 1835), Antônio Martins Viana (*Rio-Grandense*, 11 jan. 1848) e a loja de Braga e Barbosa (*Rio-Grandense*, 16 maio e 12 out. 1848). Já no periódico *O Observador*, Elizabeth Rochadel Torresini cita Antônio José Machado e Joaquim da Costa Silva como livreiros em Rio Grande.

Destacam-se ainda Daniel de Barros e Silva, que inaugurou sua livraria em 14 de julho de 1849 e viria a atuar por décadas na cidade de Rio Grande (*Rio-Grandense*, 14 jun. 1849; *O Diário do Rio Grande*, 2 ago. 1855; *Eco do Sul*, 30 set. 1882), e Cândido Augusto de Mello, que inaugura sua livraria em 7 maio 1855 e mantém a aberta durante sua permanência em Rio Grande, até 1858. Na década seguinte, há ainda uma propaganda da livraria de J. A. Leite n.º *O Comercial* (5 jul. 1862).

No *Diário de Rio Grande*, há a propaganda de uma Oficina de encardenação e Loja de livros, localizada na rua da Praia, nº 150, propriedade de José de Azevedo Nascimento de Gouvea, atuante no final desta década. Já na década de 1870, há propagandas, no *Diário do Rio Grande*, da Livraria Evangélica, localizada na rua D. Pedro II.

Em Rio Grande, até 1850, predominava a produção poética entre os autores locais, tais como Delfina Benigna da Cunha, Maria Clemência da Silveira Sampaio e Antonio José Domingues. Segundo Ana Cristina Pinto Matias (2015), em sua dissertação intitulada *Francisco Xavier Ferreira: primórdios da imprensa rio-grandina*:

A presença de um grupo de escritores na região sul do estado, confirma a existência de um círculo cultural na época. Com a criação, difusão em recitais, a publicação de poemas no livreto impresso pela tipografia de Xavier Ferreira e no jornal *O Noticiador*, os autores: Delfina Benigna da Cunha, Américo José Ferreira Cambuim, Antônio José Domingues, Antônio José Caetano da Silva Filho, L. S. Flores, Matheus Gomes Viana e Francisco Xavier Ferreira participaram de um ciclo inédito na literatura sul-rio-grandense, compondo um sistema – mesmo que em formação – dentro desta literatura, na troca constante de suas produções. (MATIAS, 2015, p. 87)

A partir da segunda metade do século, com a leitura constante de romances e de autores românticos, muda-se não só o perfil do leitor rio-grandino, mas também o de produção da literatura local. Da mesma forma em que ocorria no centro do país, Rio Grande também se influenciava com a leitura importada da Europa, com autores locais produzindo romances ao estilo romântico e próximo do folhetinesco. Percebe-se, assim, que, aos poucos, o estilo de literatura produzida na Europa foi-se adaptando em nosso país, com autores brasileiros sendo publicados e lidos em várias províncias brasileiras.

Dentre os inventários pesquisados por Araújo, encontraram-se livros de quase todas as especialidades como medicina, direito, religião, letras, história, crítica teatral, entre outros. Assim sendo, é possível entender como que a literatura local estava em comunhão com a brasileira, visto que havia a circulação de livros e jornais diversos, devido às livrarias e tipografias presentes na cidade, além da preocupação com a educação de seus cidadãos por meio de locais de ensino, um teatro e um gabinete de leitura com as mais

diversificadas obras, proporcionando ao público rio-grandino bons meios para sua formação como ser leitor.

Outra forma de analisar o sistema literário é verificar o que era lido na região. Uma das formas é através do levantamento dos folhetins publicados nos jornais rio-grandinos ao longo do período imperial, resultando numa lista de autores e obras que dão uma mostra do que era o gosto médio do público. Assim, na consulta do acervo da Biblioteca Rio-Grandense, já foram encontrados cento e sessenta e dois folhetins (VAZ, 2010) publicados em jornais. Tal levantamento demonstra a literatura consumida pela população com predominância de autores estrangeiros, a existência de autores locais e de temáticas brasileiras.

Os autores encontrados são os mais diferentes possíveis, como os canônicos Xavier de Montepin e Alexandre Dumas e também autores de folhetins menos reconhecidos atualmente, como Pierre Zaccone, Emilio Richebourg e A. Matthey – em sua maioria, esses autores são franceses, como ocorria em outras cidades brasileiras. Nesse sentido, cabe ressaltar as palavras do francês Debret sobre suas constatações sobre a cultura brasileira em um relatório de viagem:

a educação começou a tomar verdadeiro impulso e os meios de ensino multiplicaram-se de tal maneira de ano para ano que, já hoje, não é raro encontrar-se uma senhora capaz de manter uma correspondência em várias línguas e apreciar a leitura, como na Europa.

A literatura francesa contribuiu bastante para isso, mediante uma seleção agradável de nossas obras morais traduzidas para a língua portuguesa; esses livros, que se tornaram clássicos, interessam pela sua novidade, ornaram o espírito e formam o coração das jovens alunas brasileiras. (DEBRET, 1820. Apud: LAJOLO; ZILBERMAN, 1999)

Vale destacar, entretanto, os autores brasileiros que tiveram importância nacional – como Joaquim Manuel de Macedo – ou que atuaram no sistema literário rio-grandino, como Carlos von Koseritz, Furtado Coelho e Jorge de Andrade. Macedo se faz presente pela publicação do folhetim *Vicentina* em 1855; Koseritz, importante jornalista que atuou nos jornais gaúchos do século XIX, publica – sob o pseudônimo X. Y. Z. – o folhetim *Um drama no mar* em 1862, sendo editado em livro no ano seguinte (MELLO, 2013). Furtado Coelho publica *A mulher* em 1858, encontrado somente parcialmente no acervo da

Biblioteca Rio-Grandense. Em 1878, Jorge de Andrade, provavelmente um pseudônimo de algum autor local, publica o folhetim *Um tipo de mulher*.

Percebe-se também a presença de tradutores locais, como José Vicente Thibaut e Carlos von Koseritz, que traduzem respectivamente os textos *O genro*, do francês Charles de Bernard (1804-1850), e *Um credor*, da inglesa Maria Edgeworth (1767-1849). Outra forma de abordagem é perceber a rapidez no processo de tradução e publicação em alguns casos, como no caso de *Os miseráveis*, de Vitor Hugo, publicado em Rio Grande em abril de 1862, simultâneo ao lançamento mundial. Outros casos visíveis são os textos *Sua alteza o amor*, de Xavier de Montepin, e *Mamãe Rocambole*, de Pierre Zaccone, que são publicados em Rio Grande no mesmo ano de seus lançamentos na Europa.

Através da leitura dessas obras estrangeiras, nas palavras de Fátima Barbosa (2007) os brasileiros “exigiram as traduções de romances e folhetins, que aos poucos foram sendo ensaiados pelos nossos escritores, criando, assim, o conto brasileiro” e que isso “estava relacionada às práticas de leituras e ao gosto literário do público, que por sua vez determinava e orientava o trabalho dos escritores” (2007)

Em relação às associações próprias para depósito e leitura de livros, Lajolo e Zilberman, na obra *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*, dizem:

Associações, clubes, gabinetes de leitura e similares não são iniciativas isoladas. Integram, no seu conjunto, o movimento em direção a uma cultura letrada, que precisava tanto viabilizar-se, quanto visibilizar-se. Por isso, sociedades, institutos e bibliotecas constituem objetivos, que fortalece leitura e escrita enquanto práticas sociais. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009)

Assim sendo, com a finalidade de resgatar as obras que a comunidade rio-grandina leitora tinha contato no século XIX, é válido ressaltar os dados obtidos ao analisar o *Catálogo dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul*, entidade que posteriormente adotaria o nome de Biblioteca Rio-Grandense. Nele, verifica-se a presença de 145 autores de romances e novelas – num total de 377 obras – no acervo da biblioteca local em 1877, nos quais se ressalta uma grande variedade de nacionalidades, embora entre os autores com mais variedade de títulos a grande maioria seja de franceses e portugueses. Da mesma forma, a grande totalidade é de

autores românticos e contemporâneos, embora autores de séculos anteriores, como Cervantes (1547-1616), Lesage (1668-1747) e Voltaire (1694-1778), estejam presentes.

Por outro lado, encontra-se uma pequena quantidade de autores brasileiros, como José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim M. Macedo, Pereira da Silva, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza. Vale destacar a presença do romance *O homem maldito*, de Carlos Eugênio Fontana, obra publicada em Rio Grande. Segundo Sheila Garcia, a obra “revelou-se de suma importância para a compreensão da formação do sistema literário no Rio Grande do Sul, sendo que este autor foi o primeiro a publicar romance na cidade de Rio Grande e o quarto no Estado” (GARCIA, 2012, p. 7)

Além de diversas livrarias, livreiros, autores locais publicando seus folhetins, romances e livros, um aspecto que colaborou para o fortalecimento da leitura na cidade de Rio Grande foi a construção do Teatro Sete de Setembro, inaugurado em 7 de setembro de 1832, contribuindo para a formação da literatura local e sul-rio-grandense, visto que textos poéticos e dramáticos foram produzidos a partir de seu surgimento, auxiliando na solidificação cultural da cidade.

E é esse aspecto que iremos desenvolver de forma detalhada ao longo dos próximos capítulos, observando três recortes temporais: as décadas de 1830, de 1850 e de 1870.

## 2. A FUNDAÇÃO DO TEATRO SETE DE SETEMBRO E A DÉCADA DE 1830.

As atividades cênicas em Rio Grande ganharam impulso a partir de 1832, com o Teatro Sete de Setembro e com a implantação da imprensa local, através do *Noticiador*. Nesse jornal, a primeira menção ao teatro em rio-grandino consta no anúncio:

O Presidente da Sociedade do Teatro desta Vila convoca a todos os Srs. Sócios para se reunirem na Casa da Câmara Municipal, Domingo 16 do corrente, às 10 horas da manhã a fim de se tratarem vários objetos tendentes ao mesmo Teatro. (*O Noticiador*, 13 abr. 1832, p. 4).

Essa convocação serviu para tratar diversos assuntos relativos ao teatro local e, dentre eles, provavelmente, questões referentes à inauguração do mesmo que ocorreria em, aproximadamente, cinco meses.

Nesse sentido, em relação às companhias teatrais, a associação teatral rio-grandina possivelmente seja a primeira dentre às três principais cidades do Rio Grande do Sul que possuíam atividades cênicas no início do século XIX. No *Noticiador* de 4 de maio de 1832, tem-se, por ocasião das comemorações do dia 7 de abril, quando a então freguesia de São Francisco de Paula, atual Pelotas, foi elevada à vila, a representação de duas peças no prédio que daria origem ao Teatro Sete de Abril, fundado no ano de 1833:

À noite no Teatrinho Sete de Abril depois de cantado o Hino Nacional e recitado o Elogio, publicado na sua folha número 50, teve lugar a representação do drama intitulado „Patriotismo e gratidão”<sup>5</sup>, sendo os intervalos preenchidos com várias obras poéticas que muito concorreram para abrilhantar a magnificência daquele ato: terminou-se o divertimento teatral com o jocoso entremez do „Irmão sagaz” (*O Noticiador*, 4 maio 1832, p. 3)

Como pode ser visto na citação, a cidade de Pelotas já contava com espetáculos teatrais encenados no prédio conhecido como Teatrinho Sete de

---

<sup>5</sup> Após pesquisar na Biblioteca Rio-Grandense e nos *sites* da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Nacional de Portugal, não foram encontradas maiores informações em relação às peças “Patriotismo e gratidão” e “Irmão sagaz”.

Abril,<sup>6</sup> uma alusão ao prédio do Teatro Sete de Abril que estava sendo construído, sendo inaugurado no dia 2 de dezembro de 1834. Segundo Lothar Hessel (1999), as primeiras sociedades dramáticas, que tinham por tarefa administrar os teatros, formaram-se em Porto Alegre, sendo a primeira fundada em 1832 e conhecida como “Sociedade do Teatrinho” – idealizadora do projeto para implantação do Teatro São Pedro, em 1833, que seria inaugurado em 27 de junho de 1858. Entretanto, viu-se no anúncio publicado anteriormente que Rio Grande já possuía uma sociedade teatral em abril de 1832 e com um teatro em construção prestes a ser inaugurado, ou seja, possivelmente tal associação tenha surgido no ano anterior (ou anos anteriores) – tomando o posto da cidade de Porto Alegre como pioneira nesse quesito.

Em agosto de 1832, quando se aproximam as comemorações referentes aos dez anos da independência do Brasil, surge a primeira manifestação em relação à inauguração do teatro de Rio Grande, que receberá o nome de Teatro Sete de Setembro:

Consta-nos também, que na noite desse dia se põe em cena pela primeira vez, no novo Teatro Sete de setembro, uma famosa peça séria, com a sua farsa no fim, e que há outros entretenimentos, que a Sociedade do mesmo Teatro tem designado, para patentear o seu regozijo, e patriotismo. (*O Noticiador*, 27 ago. 1832, p. 1)

No dia 10 de setembro de 1832, tem-se a relação de festejos pelo patriótico dia que relembra a independência nacional, o dia 7 de setembro. Segundo Cecília Helena de Salles Oliveira, “a transformação do Sete de Setembro em data nacional só aconteceu a partir de 1870” (OLIVEIRA, 2006, p. 17). Entretanto, aparecem diversos registros de comemorações do Sete de Setembro no jornal rio-grandino *O Noticiador* já na década de 1830.

Como consta publicado no jornal *O Noticiador*, na madrugada deste dia, alguns jovens reuniram-se e saíram pelas ruas da cidade de Rio Grande cantando o Hino Nacional, saudando e soltando fogos de artifício em homenagem a esta data, erguendo em frente ao novo teatro local a bandeira

---

<sup>6</sup> Segundo Simone Xavier Moreira (2013), em seu trabalho intitulado *A formação da Princesa do Sul: primórdios culturais e literários*, “Nesse período, o teatro era um dos principais espaços para as festividades e realização de atos cívicos, mas impulsionava-se cada vez mais para uma vida independente de datas comemorativas e tornava-se um espaço de lazer e diversão cotidiano para a elite pelotense.” (MOREIRA, 2013, p. 98)

do Brasil. Às 8 horas da noite, inaugurou-se o novo teatro da cidade de Rio Grande, onde, primeiramente, Carlos Antonio da Silva Soares<sup>7</sup> recitou um elogio – consta no livreto intitulado *Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria*, de 1834, de autoria de Francisco Xavier Ferreira (MATIAS, 2014). Na segunda página desta obra, pode-se constatar que Carlos Antonio da Silva Soares era oficial da Guarda Nacional e promotor público: “os Srs. Antonio Jose Affonso Guimarães, e Manoel Gomes da Silva, vereadores da Câmara Municipal, Porfírio Ferreira Nunes, comandante da Guarda Nacional e Carlos Antonio da Silva Soares, oficial da mesma guarda, e promotor público.” (MATIAS, 2009, p. 73).

Na sequência à récita do poema, representou-se a comédia *O bom amigo*, do português Antônio Xavier de Azevedo (1784-1814). Apesar de não se encontrar maiores informações da peça, essa informação já demonstra a importância e relevância da literatura portuguesa, já que era a peça de um português sendo encenada numa comemoração pró-independência. Segundo relatos encontrados nessa edição do periódico, a peça foi muito aplaudida, o que deu provas de ter agradado ao público, com os críticos locais destacando a pureza da linguagem, os gestos apropriados e o quão bem foram representados das personagens; além da música harmoniosa que se fazia ouvir nos intervalos dos atos.

Durante a década de 1830, conforme informações encontradas no jornal *O Noticiador*, a maioria das peças representadas ainda eram de autoria de teatrólogos portugueses, como, por exemplo, os dramas *O bom amigo* e *O Preto vingativo ou O Escravo punido*, ambas de Antônio Xavier de Azevedo (1784-1814); *O corcunda por amor*, de Almeida Garrett (1799-1854); e *O ministro constitucional*, de João Pedro Norberto Fernandes (1806-1849).

Após a representação teatral, seguiram-se as festividades com a execução do Hino Nacional. Ao final, o público ainda pode assistir uma farsa

---

<sup>7</sup> No site *Family Search*, consta que Carlos Antonio da Silva Soares era filho de Antonio Carlos da Silva Soares e Alexandrina Caetana da Silva Soares, foi casado com Cecília Amália da Silva Soares e teve duas filhas nascidas em Rio Grande: Julieta da Silva Soares (nascida em 31 de maio de 1837) e Maria Da Silva Soares (nascida em 19 de maio de 1842).

intitulada *O casamento por gazeta*<sup>8</sup>, na qual se destaca que “em tudo isto fez sentir a Companhia com bastante espírito e jocosidade, o engraçado do enredo e a boa execução dos atores.” (*O Noticiador*, 10 set. 1832, p. 1). Assim, deu-se a estréia do Teatro Sete de Setembro.

Em relação à estrutura do Teatro Sete de Setembro, o jornal relata: “O novo Teatro formava uma perspectiva encantadora e elegante. Três ordens de camarotes, uniformemente ornados eram ocupados pelo amável e belo sexo e a platéia por conspícuos e respeitáveis cidadãos.” (*O Noticiador*, 10 set. 1832, p. 1). Ainda nessa edição do periódico, ressalta-se a importância da Sociedade Teatral rio-grandina e o quanto esse prédio poderá contribuir – assim como o fez – para a cultura local:

Nós não podemos deixar de manifestar o nosso prazer por vermos nesta vila um teatro ereto por uma sociedade composta de cidadãos que se não poupou a trabalhos e a despesas para a sua conclusão; o qual serviria de escola para se aprenderem os bons costumes, aumentar a civilização e para se festejar os Dias Nacionais, e as nossas belas instituições livres. (*O Noticiador*, 10 set. 1832, p. 1-2).

Vê-se, portanto, o quanto o teatro viria a colaborar para a afirmação da cidade de Rio Grande como polo cultural, visto que, ao mesmo tempo que entreteinha, colaborava para a construção da cidadania, pois, nas palavras de José Murilo de Carvalho, “as pessoas se tornavam cidadãos à medida que passavam a se sentir parte de uma nação e de um Estado” (CARVALHO, 2002, p. 73). Assim sendo, os membros da Sociedade teatral honraram seu papel de cidadão, pois não pouparam esforços para proporcionar ao público rio-grandino um prédio em que poderiam festejar os dias patrióticos, o que chamavam de aumentar a civilidade.

Entretanto, é necessário ressaltar que essa exaltação aos cidadãos compreende a ideia de construção de uma identidade imaginada, ainda nos termos de José Murilo de Carvalho (1998), visto que cada indivíduo busca construir, em sua mente, uma imagem da comunidade em que está inserido, ou seja, ainda que os limites de uma nação não existam concretamente, seus indivíduos são capazes de criar e imaginar tais fronteiras. Sabe-se que os

---

<sup>8</sup> Após pesquisar na Biblioteca Rio-Grandense e nos sites da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Nacional de Portugal, não foram encontradas maiores informações em relação à peça.

escravos eram proibidos de frequentar o teatro – conforme descrição no jornal *O Rio-Grandense* de 26 de agosto (p. 3) em uma propaganda teatral: “A entrada de criados e escravos é vedada no teatro na noite do espetáculo”, portanto, constata-se que as descrições realizadas n<sup>o</sup> *Noticiador* não representavam de fato todos os cidadãos rio-grandinos, mas, sim, uma elite intelectual e/ou econômica que queria mostrar-se superior.

José Murilo de Carvalho (1981) desenvolve a revelação do perfil das elites intelectuais brasileiras do período imperial e os fatores que contribuíram para a construção do Estado imperial no século XIX. Segundo o autor, as elites são grupos distintos de grandes massas e até mesmo de outros grupos elitistas. Assim, a “elite intelectual”, para Carvalho, não seria aquela formada por grandes homens, mas que tem certa homogeneidade, tanto ideológico como em relação a sua formação, seja acadêmica ou política, e que empreendiam alguma dominação política. Esses exerciam a socialização desse grupo de pessoas e assim fortificavam a questão da homogeneidade que contribuiu com o processo de formação do Estado. É, nesse sentido, que se deve entender a referência aos cidadãos rio-grandinos.

Em relação à inauguração do novo teatro, seu sucesso pode ser constatado pela repetição da peça de Antônio Xavier dois dias após a estreia do prédio:

Na noite de 9 do corrente se repetiu, no teatro desta Vila – Sete de Setembro – o mesmo espetáculo que tivera lugar na de 7: e se a primeira representação desta comédia mereceu os elogios do público de maiores se fez credor a repetição, pois que a cada passo eram interrompidos os autores com vivas, palmas, e aplausos de todos os assistentes; observando-se a ordem, o respeito e a atenção. (*O Noticiador*, 13 set. 1832, p. 2)

Nesse sentido, é possível comprovar a aceitação dos rio-grandinos pelo novo teatro e seu consumo por atividades culturais. Ainda na transcrição sobre a inauguração, é possível notar, ao final, que o teatro, além de entreter, cumpria o seu papel moralizante e civilizador, pois se constata que ao se referenciar no periódico a ordem e o respeito mantidos pelo público, que lotava aos assentos do teatro, determinava-se o tipo de comportamento esperado aos frequentadores, sendo este, como visto, acatado.

Na sequência, mais uma vez é salientado o trabalho realizado pela Associação Teatral local e destacada a importância para os cidadãos locais de terem um espaço como este:

De quanta satisfação não dever estar possuídos os Srs. Que compõem a Sociedade do Teatro, vendo os jovens desta Vila, que na idade das paixões desordenadas, desprezam as desenvolturas, a que os podia arrastar a ociosidade, e concentram a sua atenção em divertimentos, que tantas utilidades oferecem! (*O Noticiador*, 13 set. 1832, p. 2)

O elogio, de Carlos Antonio da Silva Soares, aparece transcrito n<sup>o</sup> *Noticiador* do dia 17 de setembro de 1832, intitulado como “Elogio recitado em o novo Teatro – Sete de Setembro – para celebrar o aniversário da nossa Independência, e abertura do mesmo teatro”. O poema compõe-se de 124 versos que exaltam o dia Sete de Setembro nas primeiras quatro estrofes e o novo teatro rio-grandino nas quatro seguintes. O poema – mesclando traços formais árcades e já apresentando o início do ideário romântico – possui certa rigidez formal na escansão, característica árcade, sendo constituído – em sua maioria – por versos decassílabos, porém possui algumas irregularidades.

Assim sendo, pode-se notar, já na primeira estrofe (v. 1-18), traços dessa busca por um ideário nacional citado em José Murilo de Carvalho. Nota-se uma grande valorização desta data patriótica, tendo, no verso 10, destaque para a palavra “independência” grafada em letras maiúsculas – o mesmo ocorre em outros versos. Na sequência, o eu lírico salienta o final do que ele chama de “O infernal Dragão, o despotismo” (v. 13), clara alusão à emancipação política do Brasil em relação a Portugal, tornando os brasileiros um “povo livre” (v. 6).

É este, ó Cidadãos, é este o Dia  
 O Dia Redentor, Dia do Império,  
 Fonte de assombros, dádiva celeste.  
 Ó Dia “sempiterno”! Ó Dia sacro!  
 Em nome do Brasil eu te consagro  
 Cordiais expressões de um Povo livre;  
 Votos fidos do Povo Rio-grandense.  
 Sim, amigos da Pátria, é este o mesmo  
 Dia propício, venturoso, afável,  
 Em que a filha do Céu, a INDEPENDÊNCIA,  
 Encheu todo o Brasil, de luz extrema;  
 E ao nítido clarão, que a Deusa vibra  
 O infernal Dragão o despotismo,  
 De sórdidas harpias escoltado,

Nas cavernas do crime foi sumir-se.  
 Ó dia de prazer eu te bem digo!  
 Onze vezes assomas no Horizonte  
 Do Sol mais belo anunciando a vinda!

De mesmo modo, a estrofe seguinte (v. 19-32) apresenta uma depreciação ao despotismo, do poder exercido por Portugal sobre os brasileiros, caracterizando-o negativamente, como ocorre em “negro despotismo, atroz, sanhudo,/ Indolente verdugo, ímpio, nefando” (v. 21-22). Encontra-se, também nessa estrofe, referência ao que ficou conhecido historicamente como “grito da independência”, em que o então Príncipe Regente D. Pedro teria bradado “Independência ou morte!” às margens do rio Ipiranga.

Se no Brasil pesava a férrea idade,  
 Sem um susto, e dor, a Pátria se envolvia,  
 Se o negro despotismo, atroz, sanhudo,  
 Indolente verdugo, ímpio, nefando,  
 Por espaço de séculos ignaros  
 A ferros novos ferros sobrepunha;  
 Se crebros ais, Brasil tu enviavas,  
 Aos Numes, e de bronze os Numes eram,  
 Um dia vingador chegar devia.  
 Que o Povo teu assas amortecido,  
 Acordando do apático letargo,  
 Clamasse afoito – INDEPENDÊNCIA – ou morte  
 Tempo já era de romper cadeias,  
 Que a tirania, que a traição forjava.

Tal insistência pelo tema indica a percepção da importância do esforço de construção do Estado nacional nesse período pós-independência. As duas estrofes seguintes mantêm a mesma intenção: exaltar o dia em que foi decretada independência brasileira, ressaltando a liberdade e depreciando o poder que era imposto por Portugal enquanto metrópole. Entretanto, a repetição de versos contra Portugal, explicitando, de certa forma, uma lusofobia, não abrangia, na prática, uma independência cultural, pois como visto, a peça que inaugurou o teatro era de autoria do português Antonio Xavier.

Nas estrofes seguintes, o poema passa a retratar o Teatro Sete de Setembro, inaugurado na data que originou seu nome. Nesse sentido, pode-se considerar como a representação do início, também, de uma independência intelectual. Assim, tem-se na quinta estrofe “Este dia Brilhante inda confere/

Uma nova pasmosa maravilha/ Surgindo do improviso a ponta, e gosto” (v. 71-73), referência ao dia da inauguração do prédio durante os festejos do aniversário de independência.

O sujeito poético localiza o que ele chama de “Magnífico Teatro” (v. 85), tendo este surgido “Nas Rio-Grandenses margens arenosas” (v. 86); tal passagem já demonstra uma tendência ao regionalismo, versão do nacionalismo brasileiro, como argumento para afirmação de uma autonomia cultural, antecipando os estereótipos de identidade regional e nacional exaltados pela Sociedade Partenon Literário.

Ao mesmo tempo, ao desejar que o teatro rio-grandino um dia se compare com europeu, mantém-se a ideia romântica do nacionalismo, já ao compará-lo com o grego ou romano, como se percebe em “Que inda um dia virá, que rivalize / Com os da culta Europa, ou Grécia, ou Roma” (v. 87-88). Nota-se uma busca pelos cânones clássicos e citações a deuses mitológicos – ambos traços árcades – como, por exemplo, em “Onde reinam Melpômene, e Talia” (v. 92), nesse caso, as deusas também representam as máscaras símbolos do teatro – Talia, a comédia, e Melpômene, a tragédia.

Magnífico Teatro eis surge, eis rompe  
 Nas Rio-Grandenses margens arenosas,  
 Que inda um dia virá, que rivalize  
 Com os da culta Europa, ou Grécia, ou Roma:  
 Ou com esses de quem, inda assombrada,  
 A antiga história aponta por modelos:  
 E dos mesmos Proscênios decantados,  
 Onde reinam Melpomene, e Tália,  
 A estrada seguirá, o altivo exemplo.  
 E Tá, Terêncio, emulo de Menandro,  
 Da Comédia Romana Vate ilustre,  
 Na terça locução nobre, e faceto,  
 Farás aqui tão rápidos progressos,  
 Qu’a Fama os cantará por línguas cento,  
 E aos grandes Gênios lustrará na Fama.  
 A escola da moral, sublime, egrégia,  
 Fará também tão dóceis os costumes,  
 Tão profícuas lições dará na Cena,  
 Que a Virtude luzir há de entre os risos,  
 E d’arte da ilusão tirar proveito.

Além disso, a missão do teatro, como visto anteriormente, era também moralizante e civilizadora. Desse modo, outro assunto que se encontra no poema é a questão do teatro como mecanismo de implantar a moralidade – “A escola da moral, sublime, egrégia,/ Fará também tão dóceis os costumes,/ Tão

profícuas lições dará na Cena” (v. 100-103) – ao mesmo tempo em que o faz através do prazer em que oferecia aos espectadores quando estes o assistiam – “Que a Virtude luzir há de entre os risos,/ E d’arte da ilusão tirar proveito. (v. 104-105). Assim, reforça-se a ideia do teatro como um instrumento que incentiva a atividade sociocultural, ajudando a construir o sistema literário, tal como adverte Even-Zohar.

Na estrofe final, encontra-se novamente a exaltação ao dia da independência brasileira, ficando este gravado “Na frente majestosa do Teatro” (v. 122). Ressalta-se, também, a conquista dos brasileiros por terem se emancipado de Portugal e, ao mesmo tempo, destaca-se a contribuição dos cidadãos gaúchos para tal realização, como em “Os Feitos imortais dos Brasileiros,/ Generosas Ações dos Rio-Grandenses” (v. 123-124). Assim, nota-se, novamente, uma ênfase ao nacional em conjunto com certo regionalismo – característica marcante na escola literária que estava por se consolidar anos mais tarde, o Romantismo.

Como se pôde observar, o patriotismo era algo muito presente nessa época. Bem como ocorreu com o dia da Independência, no ano seguinte, o dia 7 de abril foi muito celebrado na cidade. Tal data remete ao dia, no ano de 1831, em que o imperador Pedro I do Brasil abdicou do trono em favor de seu filho, Dom Pedro de Alcântara, nomeando José Bonifácio de Andrada e Silva seu tutor.

Segundo José Murilo de Carvalho (2002), em relação ao processo de independência brasileira,

o papel do povo foi mais decisivo em 1831, quando o primeiro imperador foi forçado a renunciar. Houve grande agitação nas ruas do Rio de Janeiro, e uma multidão se reuniu no Campo de Santana exigindo a reposição do ministério deposto. Ao povo uniram-se a tropa e vários políticos em raro momento de confraternização. Embora o movimento se limitasse ao Rio de Janeiro, o apoio era geral. (CARVALHO, 2002, p. 26-27).

Desse modo, vê-se a população unida em um bem comum, o que, de certa forma, o poeta registrou nos versos acima. Nesse sentido, é válido destacar que Rio Grande, a mais antiga cidade da província do Rio Grande do Sul, apresentava, nesse momento, um desenvolvimento econômico e cultural que chamava a atenção. Para mobilizar a população, a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional mandou celebrar um *Te Deum* na

igreja Matriz desta então Vila, ao qual foi assistido por autoridades eclesiásticas e civis. Após esse ato religioso, o Presidente da Câmara, ao sair da Igreja, pronunciou expressivos vivas à nação brasileira, à constituição, ao Sete de Abril, à Assembleia Geral, ao Jovem Imperador Constitucional, e a Regências; os quais foram respondidos pelos presentes com grande entusiasmo e com fogos no ar.

Para complementar o dia de festejos, foi encenado no Teatro Sete de Setembro a peça *A madrinha russiana*, uma comédia também conhecida como *Isabel, a 1ª imperatriz da Rússia*, de autoria do português Manuel Rodrigues Maia (17??-1804). O evento viria a terminar com a apresentação da farsa *O casamento por gazeta*. Entre as duas encenações, houve, no intervalo, vivas ao dia Sete de Abril e cantou-se o Hino Nacional e, também, foram recitadas poesias, das quais três sonetos são transcritos n"O *Noticiador* do dia 11 de abril de 1833.

O primeiro, "Brasileiros! O amor da Liberdade", refere-se ao dia 7 de abril de 1831, episódio em que D. Pedro I abdicou do trono em favor de seu filho. O soneto – com certa rigidez formal na escansão, remetendo ao Arcadismo – demonstra um ideário nacional muito arraigado, buscando a construção de um nacionalismo.

Brasileiros! O amor da Liberdade  
Foi sempre, e há de ser uma Virtude;  
E um nobre direito, que se ilude,  
Enquanto o não reclama a humanidade.

No segundo quarteto, vê-se referências ao descontentamento do povo pelo modo de governar de D. Pedro I e como foram sábias as manifestações ocorridas para que este deixasse o trono, pois a mudança faria bem a sociedade.

Se envelhecem as Leis, se a iniquidade;  
Quer os Povos reger com cetro rude,  
Pede a sábia razão, que este se mude  
A prol, e bem-estar da Sociedade.

Nos tercetos, tem-se a valoração dos brasileiros em relação à vitória conquistada, ao mesmo tempo em que se refere aos portugueses como

monstros a não serem temidos, pois “A Pátria conta filhos valorosos,/ Que a vida votaram pelo Brasil (v. 13-14).

Avante, Brasileiros Generosos!  
O Grande, o Imortal SETE DE ABRIL,  
Vos tornou n'um momento venturosos:

Dos monstros não temais o oculto ardil,  
A Pátria conta filhos valorosos,  
Que a vida votaram pelo Brasil.

No soneto “Se os Gregos, se os Romanos festejaram”, ocorre mais uma vez a construção lírica nos moldes clássicos, além da inspiração dos considerados povos cultos, comparando-se a esses na questão de honrar sua nação com feitos. Além disso, como no poema anterior, celebra o dia Sete de Abril e atribui características negativas ao momento imperial, reforçando a importância desta data para a história da nação.

Onde colocarás, Brasil, O Dia,  
Dia SETE DE ABRIL, que faz a glória  
Da queda da nefária tirania?

O terceiro soneto, intitulado “Salvo ó Dia Feliz! Celeste Dia“, segue o mesmo padrão dos anteriores, conservando a característica árcade, porém carregado de nacionalismo com a exaltação da data que estavam comemorando da qual consideram terem se livrado da escravidão e da tirania portuguesa. Os tercetos do poema fazem referência a algum outro texto que contraria as ideias pelo eu-lírico defendida e como tal liberdade adquirida será defendida pelo povo brasileiro.

Embora queira infido escritor  
Enegrecer teu brilho, Astro Baseiro,  
Jamais ofuscará seu esplendor.

Ó Brasil só volvera ao cativoiro,  
Que lhe prepara o vil restaurador,  
Quando não existir um Brasileiro.

Segundo Ana Cristina Pinto Matias, era “muito comum nesta época a publicação de folhetos vindos de portugueses residentes no Brasil, contrários à

liberdade do Brasil de Portugal” (2014). Entretanto, compreende-se que estes escritos não seriam capazes de ofuscar as glórias conquistadas.

Embora queira infido escritor  
 Enegrecer teu brilho, Astro Baseiro,  
 Jamais ofuscará seu esplendor.

Ó Brasil só volvera ao cativoiro,  
 Que lhe prepara o vil restaurador,  
 Quando não existir um Brasileiro.

Viria, mais adiante, o Teatro Sete de Setembro ser utilizado mais uma vez para a representação de uma peça teatral em outra data comemorativa. A Sociedade Patriótica do Teatro Sete de Setembro afim de festejar, no dia 3 de maio, data em que se exalta a Santa Cruz, o décimo primeiro aniversário da instalação da Assembleia Geral, na qual o Brasil viu pela vez primeira reunidos os representantes de todas as Províncias do Império. Segundo relatos, a cidade de Rio Grande

festejou este aniversário mandando pôr em cena uma das melhores peças que se tem representado, a qual foi bem desempenhada e muito aplaudida pelo grande número de cidadãos, e de senhoras, que a Sociedade tinha convidado para assistir, e fazer brilhante esta Festividade Nacional. (*O Noticiador*, 9 maio 1833, p. 3).

Já no dia 25 de maio deste ano, Bernardino de Barros – professor de música e empregado do Teatro Sete de Setembro – e a Sociedade Teatral da cidade levaram ao público a encenação de um drama intitulado *O preto vingativo ou O escravo punido*, tal escolha deu-se por além de ser uma produção de Antonio Xavier, como também pela moral que dela acreditava se colher. Os seus intervalos foram preenchidos por concertos filarmônicos e terminou com uma sinfonia do italiano Gioachino Rossini (1792-1868) desempenhada por Bernardino e seu irmão chamada *Gazza ladra*<sup>9</sup>.

Com a execução da peça *Castigo da prepotência*, em 23 de junho de 1833, em benefício a favor dos expostos, nota-se como o novo teatro da cidade

---

<sup>9</sup> Uma ópera melodramática em dois atos que teve sua estreia em maio de 1817, no Teatro ala Scala de Milão. O libreto, texto a partir do qual são compostas as óperas, de autoria de Giovanni Gherardini (1778-1861) é baseado em uma história real, em que uma empregada acusada de roubo de joias e, por isso, condenada à morte, é salva no último minuto, ao descobrirem que a verdadeira ladra era uma ave chamada de gazza.

de Rio Grande estava à altura dos outros teatros do país, pois é possível encontrar na terceira página do jornal *Diário de Pernambuco*, de 10 de setembro de 1831, que tal peça estaria sendo encenada em Recife. No Sete de Setembro, o espetáculo encerrara-se com a farsa *Astúcias de gafanhoto* e, no intervalo, houve ainda um dueto e a noite teatral foi precedida de um elogio recitado por uma menina, de autoria de Francisco Xavier Ferreira.

Vale ressaltar que n<sup>o</sup> *Noticiador* do dia 17 de junho de 1833, há o anúncio deste espetáculo beneficente com ingressos custando mil réis, conseguindo arrecadar, assim, a quantia de trezentos e quinze mil réis – o que deixa a entender que o Teatro Sete de Setembro, ao menos nessa noite, teve um público de, no mínimo, 315 pessoas. Segundo Scherer (2008), a população de Rio Grande em 1819 era formada por 2.855 de pessoas livres e 1.770 de escravos; já em 1842, tem-se 3.866 livres e 2.772 escravos. Por esses números, cerca de 10% da população livre de Rio Grande estaria no teatro nesse dia.

Com sessenta versos, predominantemente decassílabos, o eu-lírico do poema “Quando vejo o Espetáculo brilhante”, de Francisco Xavier Ferreira, saúda inicialmente àqueles que se compadecem pelos necessitados e os ajudam.

Quando vejo o Espetáculo brilhante  
De tantos Cidadãos, beneficentes,  
Que à porfia concorrem generosos  
Socorros a prestar a prol daqueles  
Estes sensíveis, desgraçados entes,  
A querer os mesmos pais, sem dor, sem pejo,  
Arrojaram de si a lar estranho;

Vê-se a exaltação ao “Povo Rio-Grandense” (v. 9) por sua capacidade de auxiliar aos desprovidos, demonstrando aqui o início da construção do regionalismo romântico. Em contrapartida, o poema mantém as características árcades, pelas, por exemplo, referências aos povos greco-latinos.

Quando observo o bom Povo Rio-Grandense,  
Vir hoje proteger, limpar o pranto,  
A tantos inocentes infelizes,  
Que sua compaixão eximia imploram;  
Extasiada então, reconhecida,  
Escuta a gratidão no centro d’alma.

Ao completar um ano de sua estreia, o Teatro Sete de Setembro voltou a ser palco das festividades em relação à independência do Brasil, quando se representou o drama *O ministro constitucional*, do português João Pedro Norberto Fernandes (177?-1836). Após houve um espetáculo de dança e terminou com a farsa *O corcunda por amor*, de Almeida Garret (1799-1854), um texto de 1822 no qual "O termo „corcunda" era o modo pelo qual os liberais denominavam os absolutistas, sugerindo assim o ato de curvarem-se diante da realeza" (GARRET, 2004, p. 12). Assim, vê-se o caráter do público rio-grandino tendendo às ideias do Liberalismo, visto a aceitação da peça de Garrett que exaltava a consciência cívica através do interesse tanto de produtores e receptores, nos termos de Zohar, e servia "inegavelmente para uma definição da nossa identidade nacional através da construção da cidadania" (VARGUES, 1997, p. 26).

Na mesma noite, representou-se o drama *Patriotismo* e, ainda que não se encontre dados sobre a obra, o título remete ao forte sentimento de nacionalismo presente. No dia 8, iniciou com novo elogio dramático, a peça *Beneméritos da pátria* e o entremez *Astúcias de gafanhoto*. Na noite do dia 9, cantou-se o Hino Nacional e recitou-se um outro elogio. Na sequência, representou-se novamente o drama *Patriotismo*, demonstrando uma aceitação do público para com a peça. Uma menina de seis anos, nos intervalos, executou algumas danças e terminou o divertimento teatral com o entremez do já conhecido *Casamento por gazeta*.

Conforme anúncio do secretário Antonio Joaquin da Silva Mariante, encontrado no jornal *O Noticiador*, no dia 27 de outubro, pelas 11 horas da manhã, na sala das sessões do Teatro Sete de Setembro, procedeu-se a eleição do novo Conselho da mesma Sociedade.

No dia 2 de dezembro de 1833, noite em que também ocorreu a inauguração do Teatro Sete de Abril, na cidade vizinha Pelotas, a Sociedade particular do Teatro Sete de Setembro, tendo como motivo o aniversário de Dom Pedro II, pôs-se em cena a peça *Escrava russiana*<sup>10</sup>. Para tanto, foi

---

<sup>10</sup> Após pesquisar na Biblioteca Rio-Grandense e nos sites da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Nacional de Portugal, não foram encontradas maiores informações em relação à essa peça.

exposta a efígie do jovem imperador, diante da qual se recitou um elogio, cantou-se o hino por “três Senhoras Brasileiras”, leram-se várias poesias e levantaram-se os mais expressivos vivas.

Com 82 versos, a poesia “Elogio recitado no Dia dos faustíssimos anos de S. M. I. e C.osr. D. PEDRO II., no Teatro SETE DE SETEMBRO”, de Francisco Xavier Ferreira, demonstra a forte influência que Bocage (1765-1805) exerce na poesia de Xavier Ferreira. Em seu elogio intitulado “Consagrado ao nascimento da sereníssima senhora infanta Dona Isabel Maria”, de 1801, o autor português faz inúmeros elogios a Dona Isabel Maria e ainda afirma que esta é digna dos pais que possui – Dom João VI e Carlota Joaquina de Bourbon, ou seja, tia do jovem imperador brasileiro:

Filha digna dos pais, delícia deles,  
Cresce, brilha, prospera, exulta, vive:  
Quais são teus olhos os teus dias sejam,  
Claros, formosos, inocentes, puros! (BOCAGE, 1875, p. 58)

Já Xavier Ferreira, em um poema também recheado de elogios e referências clássicas, não faz referências aos seus pais, mas afirma que D. Pedro II é filho do Brasil:

E como conseguir, se PEDRO é nosso,  
Se é Filho do Brasil, é BRASILEIRO?

Ao final do Elogio, repete os mesmos versos da poesia de Bocage:

Cresce, brilha, prospera, exulta, ó JÓVEM,  
Livre já dá fatal enfermidade,  
Que mil sustos causou à Pátria aflita;

<<E quais teus Olhos são, teus Dias sejam,  
Claros, formosos, inocentes, puros.>>

Dessa forma, a utilização de Bocage, autor que realiza a transição dos padrões árcades aos padrões românticos, é possível constatar que a literatura existente na cidade de Rio Grande está realmente inserida nesse contexto de transição da escola árcade à romântica, tal como já ocorria no restante do Brasil.

Na noite de 23 de dezembro, no teatro Sete de Setembro, ocorreu um concerto de música vocal e instrumental, organizado pelo professor Luiz

Smolzi<sup>11</sup>, em benefício de sua Esposa Theresa Smolzi, encerrando assim as atividades teatrais do ano de 1833.

Com a chegada de mais um Sete de Abril, à noite houve um espetáculo no Teatro Sete de Setembro, o qual não é informado pelo periódico, e cantou-se o Hino Nacional, para comemorar tão idolatrado dia. Houve ainda a recitação do elogio “Assoma inda uma vez, à voz do Fado” e outros poemas.

O elogio “Assoma inda uma vez, à voz do Fado” continha 65 versos dispostos em três estrofes. Como os demais, reitera a formação da nação brasileira, sendo esta livre de Portugal.

No teu Dia subiu, honrando a Terra,  
Ao Trono do Brasil, o Jovem Pedro.  
Divo inocente, fixa esperança nossa;

Nesse sentido, a próxima referência ao teatro encontrada n’*O Noticiador* é a publicação do hino “Para se cantar no Teatro desta Vila na noite do Dia 3 de Maio de 1834”, composto por Xavier Ferreira.

Despontou risonho, e belo,  
De Maio o Dia terceiro!  
Dia excelso, Redentor,  
Dia sempre Brasileiro!

Assim sendo, além de poesias ao imperador do Brasil, tais datas comemorativas como a Independência, o Três de Maio e o Sete de Abril recebiam inúmeras homenagens.

No dia 29 de junho de 1834, dia de São Pedro, santo católico padroeiro da Província e desta vila, homônimo ao jovem imperador, a maior parte dos navios atracados no porto içaram suas bandeiras. Também se celebrou uma missa na igreja Matriz e, à noite, houve um espetáculo no Teatro Sete de Setembro, o qual não teve seu título divulgado pelo jornal.

Na edição d’*O Noticiador*, o redator do jornal faz uma advertência pública à Sociedade teatral desta cidade, dizendo:

Fomos no dia 25 do corrente ao Espetáculo, que teve lugar no Teatro 7 de Setembro, e ainda lá vimos no pano do prosccênio as iniciais P. I. de que

---

<sup>11</sup> Na sexta edição da "Revista Brasileira de Cultura", tem-se que “Em 1829, no Recife, o italiano Luis Smolzi lecionava piano e canto”.

falamos em um dos números passados. Parece que acintemente se não quer prestar ouvidos às advertências que fazemos, ainda que sejam para sustentar a dignidade Nacional! (*O Noticiador*, 31 jul. 1834)

Tais iniciais referem-se a Dom Pedro I, que coincidentemente vencia aos miguelistas em 24 de julho de 1834, ajudando a implantar um regime liberal e constitucional em Portugal. Entretanto, devido sua enfermidade, abdicou a regência, declarando como rainha, sua filha D. Maria da Glória, D. Maria II.

Chega mais uma vez o dia 7 de Setembro e, como parte da tradição, os festejos são imensos na já cidade de Rio Grande, visto que a mesma alcançou esta categoria com a Lei Provincial, em 26 de junho de 1935.

Segundo descrições d'*O Noticiador*, uma hora antes do amanhecer do dia 7 de Setembro, algumas pessoas saíram pelas ruas acompanhadas de música vocal e instrumental. Durante o percurso, cantava-se o Hino Nacional e dava-se vivas à independência, ao mesmo tempo que fogos de artifício eram lançados ao ar. Ao nascer do Sol, uma salva de artilharia saudou com vinte e um tiros este dia. Às onze horas, cantou-se um solene *Te Deum*, tendo lugar a segunda salva de tiros. Nesta comemoração, somente uma mulher compareceu na Igreja, ainda que todas tenham sido convidadas. Entretanto, foram desculpadas, pois estariam preparando-se para aparecerem elegantes ao teatro naquela noite. Ao pôr do sol, soou a terceira salva de tiros.

Já no Teatro Sete de Setembro, às oito da noite, depois de uma sinfonia ter sido executada pela orquestra, declamou-se um elogio e, em seguida, apresentou-se ao público a efígie de D. Pedro II. Após, encenou-se a comédia, em três atos, intitulada *As minas de Polônia*, de René Charles Guilbert de Pixérécourt (1773-1844). O espetáculo terminou a apresentação da peça *Anão fingido ou o Meleiro legrado*<sup>12</sup>.

Sobre o espetáculo, descrevem os redatores do *O Noticiador*:

Em todo este espetáculo apesar da nunca vista concorrência àquele teatro, reinou sempre ordem, sossego e prazer; e cada um dos atores desempenhou sua parte muito acima de toda expectativa: não se podendo, todavia, desculpar a enfadonha demora, que se observou nos intervalos dos atos; a qual, senão fosse suprida pelas harmoniosas peças de musica, desempenhadas por gabels professores tornaria a representação menos interessante. (*O Noticiador*, 10 set. 1835)

<sup>12</sup> Após pesquisar na Biblioteca Rio-Grandense e nos sites da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Nacional de Portugal, não foram encontradas maiores informações em relação à essa peça. O mesmo deu-se às duas peças do parágrafo após a citação.

Já no dia 27 de setembro, em benefício de Caetano Ricciolini, mestre de dança, houve outro espetáculo no teatro de Rio Grande, o qual iniciou com uma sinfonia executada pela orquestra local e, na sequência, a encenação de um drama em três atos intitulado *O defunto imaginário ou o Irmão perverso*. No intervalo do 1º ao 2º ato, ocorreu um dueto de Rossini, o qual não foi especificado pelo jornal, cantado pelo beneficiado e sua esposa. No intervalo do 2º ao 3º, Caetano e sua filha menor dançaram boleros. Finalizou-se o entretenimento com o baile da composição do beneficiado intitulado *O pulo da torre ou Os índios punidos*. Essa noite no Sete de Setembro demonstra o quanto a cidade de Rio Grande está desenvolvida em relação à arte em geral, apresentando peças, orquestras e danças em um mesmo dia. Além do mais, observou-se “grande concurso, tanto nos camarotes, como na plateia, reinando um inalterável sossego em todo o divertimento” (*O Noticiador*, 1 out. 1835).

No dia 7 de novembro de 1835, atracou em Rio Grande a Barca São Cristovam, vinda do Rio de Janeiro, conduzindo José de Araújo Ribeiro (1800-1879), nomeado para a presidência desta província, o qual desembarcou na Vila de São José do Norte. No dia seguinte, a câmara da cidade mandou alguns representantes para cumprimentá-lo e o juiz municipal convidou Araújo Ribeiro para vir a Rio Grande assistir ao *Te Deum* e a um espetáculo no Teatro Sete de Setembro.

Em 17 de novembro de 1835, tem-se a última edição do jornal *O Noticiador*. O periódico repleto de um discurso de um Brasil independente e liberal fez com que seus redatores sofressem perseguições políticas. Seu idealizador, Francisco Xavier Ferreira, foi preso e submetido a torturas, vindo a falecer em 27 de abril de 1839. Entretanto, *O Noticiador* deixou um rico material no qual foi possível não só acompanhar o desenvolvimento do Teatro Sete de Setembro, desde sua inauguração, como também da literatura produzida na cidade de Rio Grande que, assim como no restante do país, enquadra-se num período de transição entre a escola árcade e a escola romântica.

### 3. A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO NA DÉCADA DE 1850

Logo após a Revolução Farroupilha (1835-1845), a importância do teatro para a literatura rio-grandina pode igualmente ser verificada pela publicação das peças teatrais apresentadas, na década de 1840, na cidade de Rio Grande por José Manoel Rego Viana<sup>13</sup>, autor da peça *Os jesuítas ou o bastardo d'el Rey*, e Manoel José da Silva Bastos<sup>14</sup>, com a peça *O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto*, dramas que se tornaram os primeiros livros publicados na imprensa local. Este último “anunciado amplamente pelo livreiro Daniel de Barros e Silva no jornal *Rio-Grandense* ao longo do ano de 1850, com preço de venda de 200 réis, demonstra a importância desse gênero nesse período” (VAZ, 2008).

Nos anos de 1850, pode-se afirmar que o Teatro Sete de Setembro consolidou-se nacionalmente. Fato que se comprova com a vinda do ator João Caetano dos Santos (1808-1863) a Rio Grande em agosto de 1854, acompanhado do teatrólogo rio-grandino Manuel José da Silva Bastos, quando este voltou do Rio de Janeiro.

Dentre as peças encenadas pela companhia teatral do ator João Caetano em Rio Grande, grande parte são de autoria de teatrólogos europeus do século XIX, como, por exemplo, a do dramaturgo francês Anicet Bourgeois (1806-1870), intitulada *A dama de Saint Tropez*; o drama *Dom Cesar de Bazan*, dos franceses Adolphe d'Ennery (1811-1899) e Philippe-François Dumanoir (1806-1865); *A gargalhada*, de composição do francês Jacques Arago; *Otelo ou O Mouro de Veneza*, de William Shakespeare (1564-1616), numa tradução

---

<sup>13</sup> Rego Viana nasceu na cidade portuguesa de Viana do Castelo, em 23 de agosto de 1809 e, segundo Blake, teria em 1837 apresentado o drama *José II e os salteadores de Mulberg*, em Niterói, e publicado no ano seguinte. Já em Rio Grande, levou ao palco a peça *Os jesuítas ou o bastardo d'el Rey*, no Teatro Sete de Setembro em 21 de novembro de 1846.

<sup>14</sup> Silva Bastos (Rio Grande, 12 abr. 1823 - Rio Grande, 15 nov. 1861) foi um dos fundadores – em 15 de agosto de 1846 – do Gabinete de Leitura, depois transformado na Biblioteca Rio-Grandense. Acredita-se que sua única obra publicada foi *O castelo de Oppenheim ou o tribunal secreto*, drama em cinco atos e seis quadros, impressa pela tipografia de Antônio Bonone Martins Viana em 1849, cujo único exemplar de que atualmente se tem notícia encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense. Para a maioria dos autores, é autor dos dramas *O castelo de Oppenheim ou o tribunal secreto* (1849), *A veneziana em Paris* (1850); *A madrasta* (1852); *Os brilhantes de minha mulher* (1857), *Um testamento falso* (1857), *O primo do diabo* (1858), *Exemplo de honra* (1858); *O soldado Martins ou o bravo do Cáceres* (1858); *O louco do Ceará* (1859); *Os homens de honra* (1861?) – e das comédias *O procurador Zacarias* (1852) *Quem pensa não casa* (1856); *A filha do pescador* (1858); *Anália ou as recordações da juventude* (1858); *Os apuros de uma noiva ou O dr. Palha* (1858) e *Os dois gêmeos* (1859).

de Gonçalves de Magalhães (1811-1882); e *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição*, também de Gonçalves de Magalhães, sendo esta a primeira tragédia escrita por um brasileiro, em 1838, e com abordagem nacional.

Estas representações e o próprio ator João Caetano serviram para fomentar a produção literária da cidade. Assim, *O Rio-Grandense* publica poemas relacionados a esses espetáculos, o que proporcionou o conhecimento de poetas locais.

No Sete de Setembro, Rio Grande assistiu a espetáculos de grandes companhias teatrais e de ópera que aqui aportavam em viagem pela América do Sul. Em julho de 1854, o jornal *O Rio-Grandense* comprova o quanto a confirmação da presença do distinto artista alegrou o povo rio-grandino:

Parece fora de dúvida que o insigne ator, o Sr. Comendador João Caetano dos Santos, tendo resolvido visitar esta província, nos dará brevemente algumas noites de distração, honrando o palco Rio-Grandense. Congratulamo-nos com a província por ter de receber em seu seio, e aplaudir um hospede de tão elevado mérito, um não vulgar talento na arte dramática.

Os preparativos para o recebimento que nossos jovens influentes encabeçarão, e a que se vão chegando todos os que sabem graduar o mérito, não são mais que um justo brinde com que se quer corresponder à visita do distinto artista (*O Rio-Grandense*, 6 jul. 1854, p. 3).

No dia 23 de agosto de 1854, depois de ser tanto esperado, João Caetano dos Santos chegou a Rio Grande, com *status* de rei. O jornal *O Rio-Grandense* transcreveu um poema publicado em um jornal do Rio de Janeiro para demonstrar a importância deste ator a quem ainda não o conhecesse. No exemplar do dia 25 de agosto, há o poema “Adeus”, assinado pelo poeta fluminense Santos Neves, que representa o sentimento deixado no povo carioca por ocasião da partida do ator João Caetano dos Santos para Rio Grande.

O poema – igualmente mesclando traços árcades e românticos, tais quais os publicados em Rio Grande no mesmo período – compõe-se de 46 versos que exaltam as qualidades artísticas de João Caetano e não adota nenhuma forma fixa, uma das características do Romantismo. O título – “Adeus” – constitui-se por um termo de polidez e amizade dirigido a alguém antes de uma separação mais ou menos prolongada, que, no caso do poema, remete a partida de João Caetano da corte para o extremo sul do país. O eu



nacionalismo está presente no poema sob a forma de exageros adjetivais ao ator, uma forma de comprovar a superioridade do Brasil através da criação de heróis, como aparece nos versos 24-29:

Oh! Não julgues assim que se tens ainda  
Troféus a conquistar, nós temos ainda  
Patriótico ardor para compensarmos  
Teu mérito sem par, nos orgulhando  
Em ver-te nosso artista, como a França  
Em ver Talma outrora se orgulhava

A estreia do ator em terras gaúchas ocorreu no dia 27 de agosto de 1854, com a representação de uma aventura do dramaturgo francês Anicet Bourgeois (1806-1870) intitulada *A dama de Saint Tropez*. Resumidamente, a protagonista Hortência é filha do Conde d'Auberive, um homem que contraiu muitas dívidas para salvar a honra de um filho, que acabou suicidando-se. Jorge Maurício, o credor, surge para cobrar a dívida que o Conde só conseguirá pagar se entregar suas terras e seu castelo. O credor, não querendo arruinar o Conde e já apaixonado por Hortência, perdoa a dívida e pede a mão de Hortência em casamento, que – mesmo contra a vontade do pai – insiste em se casar para salvar o pai da miséria.

Após o casamento, o casal muda-se para Saint Tropez e, durante a viagem, Hortência encontra-se, por acaso, com Carlos, seu antigo amor, em uma estalagem e ele fica sabendo de seu casamento. Já em Saint Tropez, quando Jorge já sabe que Hortência não o ama, todos a acusam de envenenar o marido. Ao final, toda a verdade é descoberta, o envenenamento fora feito por um empregado ambicioso que pretendia ficar com a fortuna do patrão que era seu parente. Carlos é chamado como médico para desvendar o motivo da doença e ajuda a inocentar Hortência.

A comunidade rio-grandina compareceu em peso, cerca de mil pessoas foram prestigiar o artista. Para demonstrar a importância do ator e como o Teatro Sete de Setembro está cada vez mais consolidado como evento cultural. Vale resgatar que no dia 17 de junho de 1833, o espetáculo beneficente teve um público de, no mínimo, 315 pagantes.

Com inúmeros aplausos, terminou *A dama de S. Tropez* e os gritos repetidos de “O Gênio do Brasil à cena!” ecoaram por algum tempo no teatro. Logo após, retornou ao palco o herói da noite e, após alguns momentos, João

Caetano dos Santos pediu a atenção do público, e, interrompido a todo o momento pelo som dos bravos, recitou uma poesia intitulada “Salve, Estrela do Sul!”. Nesse texto, o ator agradece aos rio-grandinos pelo convite e acolhimento, além de dizer que sempre foi um desejo seu visitar a esta província do Sul do Brasil.

Ao final da poesia, Augusto Candido recitou um soneto “Parabéns! Parabéns! Patrícios meus”, publicado no jornal *O Rio-Grandense* de 30 de agosto. A construção poética, por ser um soneto, a forma clássica por excelência, encaixa os poemas dentro do Arcadismo, que retorna os modelos greco-latinos e seus ideais clássicos. Os versos são, em sua maioria, decassílabos, mas possui irregularidade em quatro versos, sendo estes compostos por eneassílabos; o que demonstra, assim como o texto do autor carioca analisado anteriormente, um poema árcade com influências românticas.

Parabéns! Parabéns! Patrícios meus,  
 Brasileiro Talma entre nós temos,  
 Qual astro fulgurante ali vemos.  
 Provando o gênio raro, os dotes seus.

Neste primeiro quarteto, o eu lírico congratula seus conterrâneos pela honra de ter recebido a visita de João Caetano dos Santos, comparando o ator brasileiro a François-Joseph Talma (1763-1826) – o mais prestigioso ator francês de sua época – e reforçando a admiração de todos pelo brasileiro.

Deixaste a cara esposa, os filhos teus,  
 Com mágoa, com pesar, oh! nós o cremos!  
 Às instâncias cedeste que fizemos,  
 Até aqui vens trazer altos troféus!

Na segunda estrofe, o sujeito poético faz referência à esposa e aos filhos de João Caetano e salienta que o ator deixou-os com mágoa ao fazer essa viagem, o que demonstra que ele era respeitado também como pessoa e não só como artista. Em relação aos troféus, sabe-se que o ator sempre foi premiado em todos os locais por onde se apresentou.

Dos gênios, dos heróis que a historia aponta,  
 Imenso e sem rival és tu no mundo,  
 Teus feitos, teu saber lhes faz afronta,

Venha o Franco Talma, surja iracundo,  
 Que à vista do ator que a lira canta  
 A palma cederá ao mais profundo!

Nestas duas últimas estrofes, o eu lírico elogia ainda mais o ator através dos adjetivos “gênio”, “herói”, “imenso” e “sem rival”, que relacionados a “mundo” explicitam a relação entre a grandeza alcançada pela fama de João Caetano – o mundo – e a sua situação nele – o Herói. Tanto a personificação heroica do personagem quanto a assimilação das características da nação pelo herói e vice-versa foram constantes durante o Romantismo. Após, o eu lírico volta a comparar o brasileiro ao dramaturgo francês, porém a passagem “Franco Talma” demonstra que o consideravam o verdadeiro Talma, ou seja, João Caetano dos Santos era considerado o melhor dos melhores no palco. Este poema local – assim como outros também já aqui analisados – possui características semelhantes ao carioca – uma construção árcade com traços românticos com a principal finalidade de elogiar o ator João Caetano.

Após a apresentação deste soneto, o jovem Teodolindo Antônio da Rosa, erguendo-se sobre a sua cadeira na plateia, recitou mais um soneto em homenagem a João Caetano dos Santos. Já Augusto Cândido recitou o soneto “Não basta, não, que a cândida amizade”, em homenagem ao empresário Silva Bastos.

Buscas tenaz à força de vontade  
 Que entre nós o teatro se engrandeça,  
 E nada tens achado que te impeça  
 De dar prazer à ilustre mocidade.

Esta estrofe demonstra que Manuel José da Silva Bastos trabalhava muito para engrandecer o teatro de sua terra natal e, para isso, não poupou esforços para conseguir honrar seus conterrâneos com a presença de João Caetano, como demonstra o último terceto deste soneto:

De teus feitos a fama é mui alta!  
 Trazer da cena o rei foi teu empenho;  
 Tens feito tudo! nada mais te falta.

Ao final destas homenagens, o povo tornou a clamar por seu ídolo e, por uma terceira vez, João Caetano dos Santos compareceu ao palco e teve de ouvir, entre os mais fervorosos aplausos, o último soneto – também em seu

oferecimento – recitado nesta noite de estreia, feito e proclamado por quem o jornal chama de Moura, talvez referência a Pedro Bernardino de Moura (1828-1888), editor do jornal *Eco do Sul*.

Em seguida, chegou a vez de Silva Bastos ser chamado ao palco, sendo também ovacionado pelo público. Após as homenagens, a comunidade rio-grandina ainda pode assistir a comédia vaudeville em um ato, *Uma noite de condescências*<sup>15</sup>.

Conforme descrições do jornal *O Rio-Grandense*, depois das apresentações, formaram-se em frente à porta principal do teatro duas extensas alas por onde João Caetano dos Santos atravessou, recebendo, durante a passagem, mais vivas e demonstrações do excessivo entusiasmo. Acompanhado por todos e ao som da música, desde o teatro até a casa onde estava hospedado, no Hotel Moreau, o ator continuou sendo constantemente saudado. Depois de ter recebido a todos no hotel em que estava hospedado, onde ainda lhe foram dedicados vários brindes, o artista tornou a agradecer as repetidas homenagens que lhe oferecia o povo rio-grandino e, após, todos se retiraram.

A segunda apresentação da companhia ocorreu quatro dias depois, no dia 31 de agosto. João Caetano foi o protagonista-título do drama, em cinco atos, *Dom Cesar de Bazan* (1844), dos franceses Adolphe d'Ennery (1811-1899) e Philippe-François Dumanoir (1806-1865), seguido, como de costume, por uma comédia, em um ato, *A inimiga dos homens*. Ao final do espetáculo, assim como ocorreu na noite de estreia, foram oferecidas diversas poesias em homenagem ao ator carioca, igualmente transcritas em jornais da época.

A crítica dramática da época mostrou-se surpresa com o desenvolvimento do drama, visto que era uma peça já muito conhecida pelos rio-grandinos, porém a representação de João Caetano foi tão perfeita que parecia ser um espetáculo inédito. Tentaram descrever aos leitores, mas não encontraram palavras para tal:

Quiséramos poder descrever todas as cenas em que o abalizado ator nos arrebatou; deixamos, porém de fazê-lo porque, cōncios da nossa insuficiência, difícil nos será menciona-las com precisão e

---

<sup>15</sup> Após pesquisar na Biblioteca Rio-Grandense e nos sites da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Nacional de Portugal, não foram encontradas maiores informações em relação à essa peça.

verdade — coisas há que o mortal sente, mas não as exprime (*O Rio-Grandense*, 3 set. 1854, p. 3).

No domingo seguinte, dia 3 de setembro, foi encenado a terceira peça da companhia na cidade, *A gargalhada*, drama em três atos, de composição do francês Jacques Arago (1790-1854). Cabe ressaltar a presença de autores franceses, diferente do que ocorrera na década de 1830, em que a maioria das obras encenadas eram de autores portugueses.

Após a representação, encerrou a noite a comédia, em dois atos, *Quem porfia mata caça*, de Mendes Leal (1820-1886). Apesar do mau tempo, houve um grande número de espectadores e, como de costume, foi recitado de um camarote da primeira ordem pelo redator do jornal *O Rio-Grandense*, Antonio José Caetano da Silva, um soneto dedicado a João Caetano dos Santos, inspirado no poema declamado pelo ilustre ator em sua noite de estreia intitulado “Salve, Estrela do Palco”.

No aniversário de independência e do Império do Brasil, houve uma celebração em Rio Grande. Desde as vinte horas do dia 6 de setembro, de hora em hora, eram largados fogos da porta do estabelecimento tipográfico do jornal *O Rio-Grandense*, até que dando meia-noite, ao som da orquestra, aumentou a salva de fogos. Logo depois, algumas pessoas encontraram-se no Beco dos Martins e dirigiram-se à porta do hotel Moreau, onde se hospedava João Caetano, para prestar-lhe uma serenata.

Na noite desse dia, houve a quarta, e última, récita da primeira prestação, quando a companhia dramática de João Caetano representou *Otelo ou O Mouro de Veneza*, de William Shakespeare (1564-1616), numa tradução de Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Antes da representação, a orquestra entoou o hino da independência diante da efígie do Imperador. Após as homenagens, a companhia dramática representou o famoso drama, em cinco atos, sendo o papel de Otelo desempenhado por João Caetano. A noite encerrou novamente com a comédia *Uma noite de condescências*.

Já no domingo, 24 de setembro, o espetáculo, dividido em seis quadros, *Os seis degraus do crime*<sup>16</sup> foi encenado. A segunda récita, da segunda

---

<sup>16</sup> Marli de Oliveira Fantini (2008) associa a peça ao final do conto “A Cartomante” (1884), de Machado de Assis, em que Camilo “subiu os seis degraus de pedra” da casa de Vilela, minutos antes de ser morto.

prestação, ocorreu no dia 28 de setembro com a representação de *Mariana ou A vivandeira*, drama em cinco atos e um prólogo dividido em dois quadros.

A terceira peça encenada foi, em 1º de outubro, *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição*, em cinco atos, sendo esta a primeira tragédia escrita por um brasileiro, Gonçalves de Magalhães (1811-1882), e com abordagem nacional. Trata-se de um drama romântico em verso, publicado em 1838. João Caetano dos Santos, ao encenar autores nacionais, rompeu com a tradição predominante, totalmente influenciada pela dramaturgia portuguesa. Em Rio Grande, *Antônio José* foi o único drama de autor brasileiro apresentado, as demais eram peças já conhecidas pelo público rio-grandino. Entretanto, o nacionalismo valorizado pelo ator encontrava-se em uma companhia teatral formada apenas por atores brasileiros e com os textos estrangeiros representados com a pronúncia brasileira.

No dia 3, houve a reapresentação da tragédia neoclássica *A nova Castro*, em cinco atos, do português João Batista Gomes Júnior (1775?-1803), sendo esta a quarta e última apresentação em Rio Grande. A tragédia conta a história de Inês de Castro (1320-1355), amante do então príncipe D. Pedro I de Portugal, representado por João Caetano. No dia 15 de outubro, foi representado, no Teatro Sete de Setembro, *A dama de Saint Tropez*. Dois dias depois foi a vez de *Mariana ou A vivandeira*. Dia 31 de outubro, João Caetano encenou seu último espetáculo na província de Rio Grande, *A gargalhada*. Ao final do drama, o ator recitou um monólogo intitulado *Adeus ao público*.

Conforme descrição no jornal *O Rio-Grandense* de 26 de outubro (p. 2), atores amadores da cidade ofereceram uma coroa de ouro, mostrando a gratidão e orgulho que o povo rio-grandino teve ao ter recebido em seu palco o ator mais importante do Império. A coroa possuía dois ramos de louro fazendo junção pelas pontas na frente sobre uma peça de brilhante, atrás dois troncos dos ramos por um laço de ouro onde continha a dedicatória aberta nas fitas do laço, seu peso regula por uma libra e orçava o seu custo por mais de novecentos mil-réis.

Em 2 de novembro de 1854, João Caetano dos Santos deixou a cidade de Rio Grande e seguiu para corte. Ao embarque do artista, compareceu grande número de seus admiradores, recebendo as últimas homenagens em forma de poesia por sua visita a cidade. Antes de partir, o artista dramático

João Caetano dos Santos fez questão de publicar, no jornal local, sua despedida aos habitantes da província do Rio Grande do Sul:

Partindo desta Província, não posso ausentar-me sem testemunhar a minha gratidão, a este generoso país. Levo gravado em meu peito vivíssimas saudades, e apreciáveis recordações, e jamais se riscará da minha lembrança o quanto sou devedor do ilustrado público Rio Grandense! Ausento-me penhorado no mais alto quilate, por este benigno público que tanto me honrou, e distinguiu. Terei sempre impresso na memória agradecida que me prodelisaram aqui, aplausos, distinções flores, e primorosas poesias, e que as ilustres, e respeitáveis senhoras desta terra, esses arcanjos do sul, ornaram a minha frente de artista, com mais uma coroa de glória. Estas elevadas e distintíssimas honras que recebi não as refiro por orgulhoso, nem para exaltar o pouco que considero, se me lembro delas, é para protestar o mais profundo reconhecimento e uma sincera gratidão a par da minha existência! Seja pois este hospitaleiro país sempre ditoso, e prospere sempre. São estes os votos da alma agradecida de João Caetano dos Santos (*O Rio-Grandense*, 4 out. 1854, p. 2)

Após sua partida, ainda foi possível encontrar um soneto que, ao contrário dos publicados sobre sua partida da corte, procurava mostrar o contentamento por seu retorno e a representação de *A dama de Saint Tropez*. O poema “Dos anjos na mansão bem haja a filha”, com autoria de Antonio José dos Santos Neves (1827-1874), encontra-se n<sup>o</sup> *O Rio-Grandense* de 30 de novembro (p. 2).

Os poemas oferecidos durante a estada de João Caetano são praticamente todos em exaltação ao ator, além disso, possuem temáticas e características recorrentes. Em muitas poesias, encontra-se referência ao povo – “Orgulhoso este povo se exaltando” (v. 5, “Aí o temos, altivo, o palco honrando”), “Eis a voz que hoje este povo enobrecido” (v. 9, “Quem és tu ?! quem és que tão ousado”), “Saúda-te este povo entusiasmado” (v. 2, “Saúda-te este povo entusiasmado”) – que demonstram a tentativa de construção de uma identidade imaginada, nos termos de José Murilo de Carvalho (1998), visto cada indivíduo construir, em sua mente, uma imagem da comunidade em que está inserido, ou seja, ainda que os limites de uma nação não existam concretamente, seus indivíduos são capazes de criar e imaginar tais fronteiras.

Como já citado, os escravos eram proibidos de frequentar o teatro e, portanto, por mais admiradores que possuísse o ator, este „povo“ do poema não representava todos os cidadãos rio-grandinos, mas, sim, uma sociedade que queria mostrar-se superior, elitizada. De mesmo modo em que se faz, por exemplo, nos seguintes versos “E deixando seu lar, e um povo amado” (v. 12,

“Aí o temos, altivo, o palco honrando”), “Se o povo Fluminense te admira” (v. 13, “Adeus”), menções ao povo, porém ao da cidade do Rio de Janeiro, o que demonstra uma tentativa dos rio-grandinos de igualar-se à elite carioca.

O nacionalismo é outro ponto que aparece nos versos desses poemas, como “Que transmuda no Éden o pátrio solo” (v. 11, “Saudação”), “E entre as glórias da Pátria refulgente” (v. 123, “Saudação”), buscando afirmar o amor pela pátria e a identidade brasileira – comum no período pós-Revolução Farroupilha, pois o povo gaúcho conseguiu estabelecer um estereótipo de nacionalidade ao movimento, negando seu caráter separatista e as influências externas, principalmente as platinas. Assim, esse momento da história gaúcha tornou-se símbolo da brasilidade dos sul-rio-grandenses, a partir da premissa de que o Rio Grande do Sul lutou, acima de tudo, para “continuar brasileiro”. Por esse motivo, é possível encontrar versos que exaltam a pátria e não apenas o Rio Grande do Sul, em uma necessidade da sociedade gaúcha de mostrar-se brasileira de “coração e de vontade”.

As poesias demonstram, também, religiosidade. Encontram-se traços católicos – uma característica romântica – em “Que atento à santa voz do Evangelho” (v. 40, “Se eu tivesse uma lira tão suave”), “E imortal Te farão na pátria Eterna” (v. 63, “Se eu tivesse uma lira tão suave”), assim como o catolicismo aparece nos versos 28 a 34 do poema “Se eu tivesse uma lira tão suave”, assinado por “uma Pelotense”:

Quis aquele Senhor, que tanto Te ama  
Que tanto Tem-Te enchido de favores,  
Que em seu Templo, eu te visse a vez primeira  
A seus pés tributadando-lhe homenagens;  
Mas que dignidade! que grandeza.  
Em Ti resplandecia, humilhando-Te,  
Ante as aras do Senhor, do Ser Eterno!

Nestes versos, o eu lírico relata seu encontro com João Caetano em uma igreja. É possível observar o uso de maiúsculas nas palavras que têm Deus como referência, assim como acontece quando as palavras são dirigidas ao ator. Pode-se então constatar a comparação entre Deus e João Caetano, sendo estes colocados em um mesmo nível de idolatração, o que se comprova no verso “Esse nume da cena – João Caetano” (v. 3, “Aí o temos, altivo, o palco honrando”).

Por outro lado, fazem-se citações de deuses mitológicos – o que mostra, também, traços árcades – como, por exemplo, nos versos “Primazia que os numes te cederam?” (v. 18, “Não vás sem que primeiro te despeças”); o mesmo acontece nos versos que seguem e referem-se a deusas gregas: “Ao nível dos oráculos de Têmis” (v. 101, “Saudação”) e “Aquele que, Melpômene, e Thalia” (v. 7, “Saudação”), neste último caso, as deusas também representam as máscaras do teatro – Thalia, a máscara da comédia, e Melpômene, a da tragédia.

Outro assunto que se encontra nos poemas é a questão do teatro como mecanismo de implantar a moralidade – “Dando sábias lições em que a virtude” (v. 60, “Saudação”) e “Onde a nua verdade, e sã a justiça” (v. 70, “Saudação”) – ao mesmo tempo em que o faz através do prazer em que oferecia aos espectadores quando estes o assistiam – “De dar prazer à ilustre mocidade” (v. 8, “Não basta, não, que a cândida amizade”), “Que em êxtase sublime arrebatado” (v. 3, “Salve, Estrela do Palco! eu te saúdo”) e “Que tem para a virtude o riso, as graças, / As palmas, o louvor, a recompensa” (v. 14-15, “Saudação”).

Através dos relatos sobre a estada do ator João Caetano dos Santos no extremo sul brasileiro e das análises dos poemas, pode-se observar melhor não só a produção literária presente nas cidades de Rio Grande e Pelotas, na metade do século XIX, mas também resgatar o histórico do ambiente nessas províncias. Pode-se concluir que o Arcadismo foi a escola literária que influenciou em tais produções, no entanto a irregularidade nas sílabas poéticas e o sentimento nacionalista presente nos textos demonstra uma influência da escola romântica nas poesias. E que os poemas do extremo sul brasileiro estavam seguindo o mesmo movimento que os da corte, pois, em todos os casos, as características são semelhantes. Igualmente, pode-se concluir como a vinda de um ator carioca movimentou a cidade e influenciou no sistema literário e teatral local, tal como preconizado por Zohar.

O repertório da atividade teatral na corte era extenso. Amorim (2010) apresenta uma lista de 64 peças encenadas no teatro São Pedro de Alcântara, em 1857, e, dentre elas, encontra-se os dramas representados, pela companhia de João Caetano, no extremo sul brasileiro – *A dama de Saint Tropez*, *A nova Castro*, *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição*, *Dom César de*

*Bazan, Mariana ou A vivandeira, Os seis degraus do crime e Otelo ou O mouro de Veneza.* Embora esta data seja posterior à visita do ator, sabe-se que tais peças eram muito conhecidas pelos brasileiros, principalmente aos da corte. Como exemplo, pode-se citar a representação de *Antônio José, ou O Poeta e a Inquisição*, no Rio de Janeiro em 1838 ou, até mesmo, *A gargalhada*, também no Rio de Janeiro em 1850, na presença do autor, Jacques Arago.

Portanto, é possível constatar – aos moldes do polissistema de Zohar – que João Caetano conseguiu, através dos espetáculos, a ligação entre Rio Grande ao Rio de Janeiro – desejo da sociedade sul-rio-grandense, como se constatou nas interpretações dos poemas. Além de atuar essas peças, tanto no Rio como nas províncias, João Caetano foi convidado, em 1860, para ir a Lisboa, fazendo sua estreia na Europa ao atuar, no Teatro D. Maria II, *A dama de Saint Tropez*.

Dessa maneira, a vinda do ilustre dramaturgo não foi apenas a passagem de um importante ator brasileiro, mas também contribuiu para autenticar que Rio Grande era um polo cultural e sua visita serviu, por que não, para influenciar a produção literária das cidades, fazendo com que, através dos dados apresentados, todos os nomes de poetas citados possam vir a servir como fonte para futuras pesquisas.

#### 4. A CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO NA DÉCADA DE 1870

Após o Teatro Sete de Setembro ter recebido, na década de 1850, a companhia dramática do renomado ator João Caetano dos Santos, muitas outras companhias atuaram na cidade, fazendo enorme sucesso com peças dramáticas e comédias. Sucesso também fizeram outras companhias que traziam em seu elenco grupos de cantores, instrumentistas, bailarinos e, até mesmo, ilusionistas.

No periódico *Eco do Sul*, de 2 de março de 1873, encontra-se o Teatro Sete de Setembro servindo de espaço para a comemoração do carnaval. Inúmeras sociedades carnavalescas como Club Chleard, Archote, Amoladores da paciência, Silêncio, Os homens vermelhos, Afiladores, Zé Pereira, Os cavaleiros da meia-noite e os Príncipes da farsa, agraciavam ao público como animadores munidos de tambores, gaitas e chocalhos. Entretanto, nem mesmo em meio a esta festa popular, a literatura era deixada de lado e, como de costume, o teatro servia para trazer aos rio-grandinos contos que ainda não era de seu conhecimento, como é o caso de “O peixe boi”, que, segundo os redatores do jornal, havia causado admiração ao público fluminense, quando apresentado no Rio de Janeiro.

Já em 9 de março, nota-se que as encenações dramáticas mantêm-se nessa década, com a representação do drama em três atos *O filho do supliciado* e da comédia *Bertha de castigo*. A noite de espetáculo foi organizada por um ator chamado apenas de Alfredo e, como de costume, foi recitada uma poesia pela, assim chamada, “Sra. D. Ismenia”.

Embora não haja maiores informações sobre *O filho do supliciado*, este drama era popular na cidade, pois, no dia 27 do corrente mês, ocorreu uma nova representação, porém quem organizava seria o chamado ator Brandão – seguido de uma composição dramática realizada pelo ator Motta e finalizado com a famosa comédia *A dama das camélias*, adaptação teatral do romance homônimo, de Alexandre Dumas Filho (1824-1895). Nota-se a simplicidade com a qual eram divulgados os nomes de atores e diretores teatrais nos periódicos da época, o que dá a entender que estes já eram conhecidos pelo grande público rio-grandino. Como exemplo disso, tem-se Brandão que possivelmente tratava-se de João Augusto Soares Brandão (1844-1921),

também chamado de Brandão, o popularíssimo, ator português radicado no Rio de Janeiro e que levava suas peças a vários estados brasileiros.

Constata-se que, nesta década, as apresentações no Teatro Sete de Setembro são variadas, indo desde baile de carnaval a espetáculos de mágica e danças – como ocorre em 13 de março, quando Madame Albina e Dr. Caetano, segundo os críticos famosos na imprensa europeia e do Rio de Janeiro, chegaram a Rio Grande e de passagem para Montevideú.

A associação teatral formada pelo diretor Joaquim R. Pereira e pelo diretor de cena P. Joaquim trouxeram a cena diversos espetáculos teatrais na década de 1870. Em 3 de agosto de 1873, fez representar, em benefício da atriz Adelaide Amaral, o conceituado drama, dividido em cinco atos, do dramaturgo italiano Giovanni de Fonte-Basso e tradução do poeta português Francisco Gonçalves Braga (1836-1860), intitulado *A atriz hebreia* – com poesia de Machado de Assis e música de Julio José Nunes. O espetáculo iniciou com o maestro Vignoli dirigindo uma orquestra e encerrou com a senhorita Montero – primeira bailarina dos teatros da Europa e Rio de Janeiro – executando sua dança espanhola de *La flor de Sevilla*.

No jornal *Eco do Sul*, do dia 6 de agosto de 1873, há uma propaganda teatral da peça *A atriz hebreia*, que seria reapresentada devido o apreço do público. Entretanto, chama a atenção uma nota, assinada por Arthur Ubatuba<sup>17</sup>, disposta logo abaixo ao convite do convite do espetáculo. Diz a impressão:

O Parthenon Literário que tomou sobre si o encargo, aliás penoso, de fazer prosperar as letras entre nós comissionou-me para percorrer as principais cidades da província com o fim de angariar assinaturas para a sua Revista, bem como obter documentos históricos e trabalhos literários e científicos, que possam ter publicidade na mesma. O abaixo assinado, pois, espera merecer todo o acolhimento da distinta população do Rio Grande, quer no que diz respeito a aquisição de dados e obras, quer na aceitação da Revista do Parthenon. (*Eco do Sul*, 6 ago. 1873)

Assim, pode-se notar que, embora a produção literária de Rio Grande não seja mais tão dependente da instituição teatral para circular, a Sociedade do Partenon Literário buscando ser e classificada como o marco inicial da literatura gaúcha, busca em outros sistemas mais sólidos angariar materiais

---

<sup>17</sup> Provavelmente seja Arthur Trajano Pereira da Silva Ubatuba (Porto Alegre, 5 dez. 1852 – morte desconhecida), casado com Teresa Alice Laquintinie, em em Pelotas, em 22 de setembro de 1875. Arthur Ubatuba é avô materno de Luiz Arthur Ubatuba de Farias (1907-1954), engenheiro que se tornou nome de rua na cidade de Rio Grande.

para consolidar um sistema literário próprio ao utilizar-se do teatro rio-grandino e seus consumidores – bem como fez a literatura de Rio Grande durante século XIX enquanto achou necessário.

Já no dia 17 de agosto, em benefício da atriz Joana Luvini, a companhia de Joaquim R. Pereira e P. Joaquim trouxe a público um espetáculo que iniciou com uma sinfonia executada pela orquestra do maestro Vignoli e, após, representou-se o drama, dividido em quatro atos, original francês, de Mailan e Davrigy, traduzido por Francisco de Paula Menezes, intitulado *Expição ou Quinze anos de remorso!*. Como de costume, a literatura lírica continua fazendo parte das apresentações no Teatro Sete de Setembro, e, nesta ocasião, a Adelaide Amaral recitou a poesia “A judia”. As atividades encerraram com a apresentação de Montero, executando “Passo das flechas do balado”, da ópera *O Guarani*, de Antônio Carlos Gomes (1836-1896).

Em 24 de agosto, em benefício do ator Antonio F. De Brito, a companhia iniciou reapresentou “Expição ou Quinze anos de remorso!”. Na ocasião, o ator Alfredo trouxe a cena cômica “Ferro e Fogo”. Terminando o espetáculo com a comédia em um ato ornada de canto, intitulada “A costureira”.

Em agosto também ocorreram diversos concertos vocais e instrumentais, pela companhia de Mauricio Val. Em uma dessas apresentações, por exemplo, executou-se “Grande abertura de Otello”, de Rossini, pelos professores da orquestra; “Os diamantes da coroa”, de Daniel François Auber (1782- 1871); “Grande aria”, com variações, cantada por Marta Val, violinista e pianista seis vezes premiada pelo conservatório de Paris; “Meu pequeno sobrinho”, de Darcier, com cena dramática pelo Sr. Maurício Val, primeiro tenor e discípulo do Conservatório de Paris e dos teatros de Milão; “A filha do regimento”, de Alard, grande fantasia executada na rabeca por Marta Val; “O postillon de Lonjumeau”, de Adam; “O velho piloto”, cena dramática, poesia e música de Mauricio Val; “Sinfonia concertante”, de Alard, executada na cena novamente por Marta Val e J. Vignoli.

No dia 22 de janeiro de 1877, chegou à cidade a companhia de Furtado Coelho (1831-1900) e sua esposa Lucinda Simões, vindo a estrear no dia 24 com a comédia em três atos intitulada *Sapatinho de cetim*, do escritor português Fernando Caldeira e a peça em um ato *Inglês e Francês*. Segundo

os redatores do jornal *Eco do Sul*, tais atores já eram conhecidos do público rio-grandino e segundo descrito no periódico

Furtado Coelho, que sabe, como nenhum outro de seus colegas, compreender e interpretar o pensamento do escritor. Podemos também dizer desde já que o *mise-en-scène* será primoroso como o bom gosto de Furtado e de sua gentil esposa. (*Eco do Sul*, 24 jan. 1877)

A preocupação em proporcionar um belo espetáculo ao público da companhia era de fato percebida quando todos os acessórios e mobílias luxuosas que serviram para a representação das peças na corte foram trazidas para a cidade de Rio Grande.

Nessa estada em Rio Grande, foram representadas as peças “O romance de um moço pobre”, drama em 5 atos e 7 quadros, de Octave Feuillet (1821-1890); o drama *O centenário*, de Dinerey, em cinco atos; pela primeira vez nesta cidade o drama *Demi-monde*, de Dumas Filho; o drama *Dalila*, de Octave Feuillet, em quatro atos e seis; o drama *Os Lázaros*, em cinco atos, original de Lino de Assumpção; o drama *A morgadinha de Val-Flor*, de Pinheiro Chagas, em cinco atos, ornado de canções e danças populares, original português; *O lenço branco e amor londrino* e o drama *A estátua de carne*, em cinco atos e um prólogo, do repertório italiano.

Em relação ao *Um moço pobre*, a crítica teatral realizada pelos redatores do jornal *Eco do Sul* destacou a atuação da atriz Lucinda e de Furtado e Simões, “este a cargo de um papel pequeno, o de Laroque, mas de dificultosíssima execução e que só um artista privilegiado pode dar-lhe um desempenho satisfatório” (*Eco do Sul*, 27 jan. 1877). Já Furtado, como mordomo da casa Laroque, “manifestou em toda a plenitude o seu formoso talento, ostentando a inexcelsível superioridade de seu gênio até nas cenas mais insignificantes, nos gestos menos significativos” (*Eco do Sul*, 27 jan. 1877). É possível pela crítica conhecer algumas passagens do drama, como

Na cena das ruínas, quando acusado de uma vilania por aquela a quem consagra toda a pujança de um afeto nobilíssimo e respeito, o insigne artista toca o sublime.

A dor por ver-se tão injustamente julgado pela mulher a quem ama em segredo, mas com toda a veemência de sua alma. A indignação pela afronta feita ao seu caráter de homem honrado e [...] que o insigne artista revela em seu rosto, e tão claramente que mesmo sem falar se compreende

o efeito que produziram em seu ânimo as palavras de margarida. (*Eco do Sul*, 27 jan. 1877)

Em relação à peça que até o momento era desconhecida do público rio-grandino, ao menos como representação dramática, *Demi-monde*, a crítica reproduzida no periódico destaca o seguinte

Dizendo que foi escrita pelo celebre escritor Dumas Filho e traduzida pelo distinto ator e dramaturgo sr. Furtado coelho, temos feito o elogio da peça. O "Demi-Monde" está escrito com muita verdade e encerra todos os requisitos para bem merecer das plateias principalmente quando o desempenho for como o que lhe deram os diversos artistas na noite de sábado.

De d. Lucinda, no papel de baronesa, diremos apenas o seguinte: foi sublime.

Furtado tem na peça um papel mui simpático, que o talentoso artista desempenha com a sua costumada e admirável habilidade.

Simões, Torres, Asurara, Luvivi, Clelia, Elisa e Gilda foram apreciáveis auxiliares do magnifico desempenho da peça, que, a julgar do seu merecimento, dará ainda algumas casas à empresa. (*Eco do Sul*, 30 jan. 1877)

Quando representado *A estátua de carne*, consta no *Eco do Sul* que a aceitação pela companhia de Furtado foi tão grande pelo público que neste dia parte do público assistiu a peça de pé por ter vendido, a pedido dos próprios espectadores que chegavam ao Teatro Sete de Setembro, a venda de bilhetes superior a lotação da casa de espetáculo. A companhia dramática de Furtado Coelho despediu-se com essa representação, em 15 de fevereiro, retirando-se para Porto Alegre, de onde depois seguira para Pelotas.

Entretanto, atendendo aos pedidos feitos por distintas famílias de Rio Grande, antes de retornar à corte, a companhia voltou à cidade e realizou uma série de seis espetáculos, nas noites de 1º a 7 de abril, encenando sete peças, sendo elas *O centenário*, *Dalila*, *O moço pobre*, *Demi-monde*, *Lenço branco*, *Mel e fel* e *Amor londrino*.

Uma outra companhia a pisar no palco do Teatro Sete de Setembro foi a Zarzuela, grupo este que leva o nome deste gênero lírico-dramático espanhol, em uma mistura de canto, encenação e danças. No mês de abril de 1877, apresentou-se *O sargento Frederico*, uma zarzuela em quatro atos; e uma outra zarzuela em três atos, não intitulada, de composição do poeta Camprodon e música do maestro Barbieri.

Já a Companhia Dramática Portuguesa, de Emilia Adelaide Pimentel (1836-1905), representou seu primeiro drama em Rio Grande, no dia 8 de janeiro de 1878: *Nobres e plebeus*, um drama em cinco atos e oito quadros, escrito por Octavio Feuillet, e tradução de F. Palha. Também veio a público com a comédia-drama *Henriqueta Caverlet*, em quatro atos, da tradução de Guiomar Torresão; a comédia em um ato *A dama dos cravos brancos*; o drama *Maria Antonietta*, em cinco atos, com prólogo e epílogo, de Paulo Giacommetti e versão de Ernesto Biester.

Uma peça bastante divulgada mereceu nota da redação do *Eco do Sul* foi *A culpa vinga a culpa*, a qual os redatores afirmam que este fora

talvez o melhor drama do vasto e rico repertório da companhia, segundo a autorizada opinião da imprensa da capital da província.

Todas as folhas porto-alegrenses fizeram a esta peça grande elogios, o que nos leva a crer que ela é realmente um mimo primoroso da literatura dramática.

Ora se o drama é de primeira ordem, deve semdúvida agradar, e agradar extraordinariamente, tanto mais que desde já podemos ter a certeza o desempenho será o que o público rio-grandense está habituado a ver por esta companhia: perfeito a mais não poder ser. (*Eco do Sul*, 15 jan. 1878)

A companhia também representou, em um prólogo, três atos e sete quadros, *A filha do ar*, original de Joaquim Augusto d'Oliveira, musicado pelo maestro Casimiro; a comédia-drama, em cinco atos, *Mlle. de Belle Isle*, de Alexandre Dumas e traduzido por L. A. Rebello da Silva; o drama *As pupilas do sr. Reitor*, de Ernesto Biester, em cinco atos e sete quadros, extraído do mesmo romance do título. Sobre este último, diz o *Eco do Sul*

Chamamos a atenção do público para o drama que leva hoje a cena a companhia dramática da distinta atriz Emilia Adelaide. "As pupilas do sr. Reitor" é um mimo do teatro português. Quem conhece o romance do mesmo título, de onde Ernesto Biester extraiu o drama que hoje nos oferece a Companhia Dramática Portuguesa, sabe que dizemos apenas a verdade. (*Eco do Sul*, 24 jan. 1878)

Outras encenações foram da comédia-drama em quatro atos *Henriqueta Caverlet*; a comédia em um ato *A dama dos cravos brancos*; o drama em cinco atos e oito quadros, tradução de Ernesto Biester, *As duas órfãs*. Em relação a *Henriqueta Caverlet* e *As duas órfãs*, tem-se

o primeiro, primorosamente traduzido pela talentosa escritora D. Guiomar Torresão, recomenda-se pelo seu merecimento literário. O último é já conhecido do público rio-grandense para que necessitemos externar sobre ele a nossa opinião.

Ambos, como era de esperar, foram desempenhados com a habilidade com que sempre costumam haver-se os inteligentes artistas dessa companhia. (*Eco do Sul*, 29 jan. 1878)

Outras apresentações foram do drama em prólogo e cinco atos de Octave Feuillet, tradução de Ricardo Cordeiro, *A redenção*; *Cora ou escravidão*, drama em cinco atos e sete quadros de Victor Hugo, tradução de Ernesto Biester; *Madalena*, drama em quatro atos, de Pinheiro Chagas; a comédia em um ato *As vítimas de Barnabé*.

Sobre *Redenção*, diz-se no *Eco do Sul*

a nosso ver é um dos melhores do rico repertório da empresa. No primor da linguagem, na naturalidade das cenas, nas belezas dos diálogos, na transcendência de alguns pensamentos filosóficos, em tudo em fim a “Redenção” é um drama de subido merecimento.

Ele só seria bastante para firmar a reputação do autor, se outras produções, não menos valiosas, não tivessem há muito celebrizado o seu nome. (*Eco do Sul*, 31 jan. 1878)

A partir da crítica dos redatores do periódico, é possível conhecer um pouco do enredo do drama

A ideia principal da peça é a regeneração da mulher desviada da senda da virtude. Não diremos que o tema é original, mas em nossa opinião ainda não o vimos melhor desenvolvido. É para sentir-se que tão diminuta fosse a concorrência. Dramas como esse tem todo o direito a ser devidamente apreciados, principalmente quando são desempenhados como anteontem. Emilia Adelaide e Álvaro, os protagonistas do drama e a personificação das ideias que se debatem – o bem e o mal – estiveram na altura da justa reputação de que gozam. Falta-nos tempo para descrever as impressões que nos deixou a perfeição absoluta, inexcelsável, com que a eminente atriz interpretou o seu papel. Não exageramos se resumir-nos numa palavra – sublime – tudo quanto pudéssemos dizer. (*Eco do Sul*, 31 jan. 1878)

Entretanto, nem todos da companhia foram merecedores de entusiásticos elogios, como se pôde perceber quando dizem que “De Álvaro não se pode, com razão, exigir mais do que fez o inteligente artista no papel de Maurício. Brandão foi regularmente. É pena que, como quase sempre, não tivesse bem decorado o papel”. (*Eco do Sul*, 31 jan. 1878)

Após quase um mês de apresentações no Teatro Sete de Setembro, a Companhia Dramática Portuguesa dirige-se para Pelotas, em 1º de fevereiro de 1878, e “o público pelotense [iria] apreciar uma das mais importantes companhias dramáticas que tem visitado esta província” (*Eco do Sul*, 1º fev. 1878).

A Companhia Automática, dirigida por L. Lupi, estreou na cidade em 14 de fevereiro de 1878 exibindo o *Baile fantástico*, em nove atos e dezoito quadros, “Flik flok” – conhecido no Teatro da Grande Ópera de Paris; o baile “eletro fantasmagórico”, em oito atos e trinta e três transformações, *As pílulas do diabo*; a comédia em dois atos *Os três corcundas de Damasco*; o baile *O homem avestruz*; o baile “pantômico”, com diálogo dramático e coro, *Da terra à lua*, em oito atos e doze quadros, extraídos do romance *Se voyage dans la lune*<sup>18</sup>, de Júlio Verne (1828-1905).

Segundo propaganda encontrada no jornal *Eco do Sul*, este baile era um dos melhores que compunham o repertório da companhia, sendo exibido quarenta e cinco vezes seguidas; além disso afirma que o diretor Lupi foi condecorado pelo Sr. Victor Manoel com a Ordem da Coroa de Itália, devido à perfeição do seu trabalho e do incontestável mérito com que exibiu em sua presença tal espetáculo.

Também foram representados a comédia em um ato *Advertência*; um baile mímico, dramático, fantástico e intitulado *A volta ao mundo em 80 dias*, de Julio Verne. Em tal espetáculo, é possível perceber pela propaganda teatral encartada no *Eco do Sul*, do dia 26 de fevereiro de 1878, que nessa peça tomam parte mais de duzentas personagens e as decorações do cenário foram feitas pelos afamados pintores Faggiani, Fontana, Condessa, Scioli, Maghetti e Bosio – sendo apresentadas paisagens de Londres, Suez, Bombaim, Calcutá, Hong Kong, Yokohama, São Francisco e Nova Iorque; e música, pelo maestro Visconti, salientando que este baile foi exibido mais de quarenta vezes na exposição do centenário americano.

Sobre a peça, a crítica do *Eco do Sul* descreve o jogo de cena apresentado e a oportunidade do espectador conhecer costumes de outros países

---

<sup>18</sup> Provavelmente seja o romance *De la Terre à la Lune*, publicado originalmente em 1865.

Agradaram geralmente os trabalhos apresentados anteontem pela companhia Authomatica do Sr. Lupi. “A viagem da roda do mundo” merece ser vista e apreciada, não só pela riqueza dos vestuários, decorações da cena, excelente execução dos maquinismos e todo o aparato da exibição, como pela variedade de costumes de diversos povos, que o espectador pode apreciar no decorrer de toda a representação. Há vistas, como a do canal de Suez, uma floresta da América e outras que produzem magnífico efeito. (*Eco do Sul*, 28 fev. 1878)

A lista segue com o baile intitulado *Dom Chapéu de sol ou Rei Melão*, em cinco atos e sete quadros, peça já representada em presença da corte italiana, em ocasião do casamento da princesa Margarida de Saboia; o “baile dos escudos”; a comédia-baile em cinco partes, enriquecida de efeitos cênicos, intitulada *O Cendrillon*, tirado do conto francês “A chatte metamorphosée”; e *Aida*, em quatro partes, onze atos e vinte e oito quadros com dança, canto e coros, obra do maestro Verdi. O jornal destaca que este obteve sucesso nos teatros de Turim, Nápoles, Roma, Milão, Florência, Buenos Aires e Montevideú, entretanto foi reproduzida no Teatro Sete de Setembro no idioma nacional pelo brasileiro Silvio Ramiro – sendo este espetáculo dedicado às famílias rio-grandenses e ao corpo comercial como prova da gratidão pelo bom acolhimento na cidade de Rio Grande. Em abril de 1878, a companhia retira-se a Porto Alegre, onde, segundo relatos do mesmo periódico, eram muito aguardados.

No dia 9 de março de 1878, ocorreu no Sete de Setembro o espetáculo lírico-dramático pelas “muito conhecidas e festejadas meninas Riosas e seu pai, e em benefício da talentosa jovem Julia Riosa” (*Eco do Sul*, 7 mar. 1878). A apresentação iniciou por uma grande *ouverture*, um tipo de composição instrumental, comumente utilizada para criar um ambiente propício à execução da obra seguinte, sendo esta exposta pela orquestra dirigida pelo professor Sr. Vignolli. Após, a comédia em um ato, ornada de música, “União Ibérica”; a zarzuela espanhola “Jugar con fuego”, cantada pela jovem Carolina Riosa; um dueto espanhol cantado pelas irmãs Julia e Carolina Riosa, “Loco de amor”; o Sr. Riosa apresentou “La paloma”; uma aria brasileira de tiple cantada por Carolina Riosa, escrita expressamente para a mesma, pelo maestro Theodoro Orestes, intitulada “Um voto de gratidão”; a cena cômica “Todos bebem”; a comédia em um ato, ornada de música “Amor por enxins”; a comédia em um

ato, ornada de música e dança, “Paulo e Virginia ou As consequências do Carnaval”.

Sobre essa noite, diz o *Eco do Sul*

Na noite de sábado realizou-se o espetáculo de estreia das meninas Riosas. No desempenho das comédias, canções e cenas cômicas anunciadas no programa, ambas receberam do público demonstrações de agrado. A jovem Julia Riosa, especialmente, foi estrondosamente aplaudida na cena cômica intitulada – “Todos bebem”. A concorrência foi regular. (*Eco do Sul*, 12 mar. 1878)

Já em 13 de março, ocorreu a última apresentação pelo grupo formado pelas irmãs Riosas e seu pai no Teatro Sete de Setembro, nesta ocasião – tendo como programa uma abertura pela orquestra dirigida pelo professor Vignoli; uma comédia em um ato, ornada de música, intitulada “Uma calva amostra”; uma modinha baiana, executada por Carolina Riosa, chamada “Eu choro sempre”; uma havanera intitulada “Manoel”; um dueto espanhol pelo sr. Riosa e sua filha Carolina, “La mar”; o trovador italiano “Não me amava”; a cena cômica, ornada de música, “Eu não me importo com a vida alheia”, desempenhada pela jovem Julia; romanza da famosa ópera “Roberto il diavolo”, cantada por Carolina; uma canção humorística por Julia, “Tudo é pomada”; uma romanza de soprano em italiano, composição do maestro Vignoli, intitulada “Ti perdono”; encerrando com a comédia em um ato, ornada de música, “Uma criada impagável”, desempenhada pelo sr. Riosa e suas filhas.

Uma outra companhia a apresentar-se nesta década no Teatro Sete de Setembro foi a Companhia Lírica Francesa de Óperas Buffas, a qual

Esta importante companhia que faz longo tempo e com tanta aceitação trabalha na capital do império; acedeu ao pedido que d’aqui se lhe fez para vir a esta ilustre província exhibir seu brilhante repertório e deve chegar-se aqui no princípio do entrante mês, para demorar-se pouco tempo, visto ter de regressar para a côrte. (*Eco do Sul*, 30 ago. 1878)

Nas oito récitas que aqui realizaram constava em seu repertório óperas dos autores Offembach, Herve, Lecoq, Vasseur e variadas canções; entre as quais a da ilustre sul-rio-grandense, Francisca Gonzaga, que tem por título *Les larmes, um tango brasileiro*.

Com essas peças divulgadas no periódico *Eco do Sul*, percebe-se uma distinção em relação às publicações líricas recitadas no Teatro Sete de setembro durante as décadas anteriores, visto que nessa os redatores do jornal apenas citam a ocorrência da declamação de poemas durante os espetáculos teatrais e não mais as publicam em sua totalidade juntamente com a crítica teatral. Nesse sentido, pode-se pensar que o motivo seja que a literatura produzida e/ou recitada pelos artistas locais possuía já um espaço próprio, não necessitando mais amparar-se no teatro, estando, portanto, consolidada enquanto sistema literário.

## CONCLUSÃO

Mediante as discussões trazidas pelo referente trabalho, constata-se que o Teatro Sete de Setembro foi, desde sua inauguração, de suma importância para a origem e a consolidação de manifestações literárias na cidade de Rio Grande, no século XIX.

A formação de produtores e consumidores literários em Rio Grande desenvolveu-se em paralelo ao crescimento teatral. Inicialmente, pequenos grupos de cidadãos já manifestavam interesse às atividades cênicas e a divulgação de obras de autores estrangeiros reconhecidas pelo cânone literário, bem como obras próprias que aos poucos eram recitadas nessas reuniões.

O Teatro Sete de Setembro impulsionou Rio Grande como polo cultural e serviu para a divulgação de obras locais. Na década de 1840, além de poemas, vieram as obras dramáticas genuinamente rio-grandinas, mostrando que realmente a literatura local desenvolvia-se juntamente com a casa de espetáculo.

Logo após a Revolução Farroupilha (1835-1845), a importância do teatro para a literatura rio-grandina pode igualmente ser verificada pela publicação das peças teatrais apresentadas, na década de 1840, na cidade de Rio Grande.

Nos anos de 1850, pode-se afirmar que o Teatro Sete de Setembro consolidou-se nacionalmente. Fato que se comprova com a vinda do ator João Caetano dos Santos (1808-1863) a Rio Grande em agosto de 1854, acompanhado do teatrólogo rio-grandino Manuel José da Silva Bastos, quando este voltou do Rio de Janeiro.

**REFERÊNCIAS**

- ARAUJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus: Editus, 1999.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BOCAGE. Lisboa: Tipografia de António José Fernandes Lopes, 1853.
- CATÁLOGO dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Rio Grande: Tipografia do *Artista* de Antônio da Cunha Silveira, 1877.
- FISCHER, Antenor. *A literatura dramática do Rio Grande do Sul do século XIX*. Subsídios para uma história. Porto Alegre, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GARCIA, Sheila Fernandez. *O homem maldito, de Carlos Eugênio Fontana: o início do romance sul-riograndense*. 2012 Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012. Disponível em: [www.ppgletras.furg.br/images/Dissertacoes\\_pdfs/SheilaGarcia.pdf](http://www.ppgletras.furg.br/images/Dissertacoes_pdfs/SheilaGarcia.pdf). Acesso em: 03 nov. 2016.
- GARRETT, Almeida. *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*: introdução, organização, fixação do texto e notas de Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- GIMENEZ, Leandro Kerr. A vinda do maior ator do Império ao extremo sul brasileiro. *Mafuá*, Florianópolis, ano 9, n. 15, março 2011. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2011/vinda-do-maior-ator-do-imperio-ao-extremo-sul-brasileiro/>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- GIMENEZ, Leandro Kerr. A inauguração do Teatro Sete de Setembro e sua contribuição para a literatura rio-grandina. *Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura Histórias ou Histórias: Desdobramentos da História da Literatura*. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/comunicacao-37.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob D. Pedro II*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1979.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Da ficção à História da Literatura. In: \_\_\_\_\_. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009. p. 75-87.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infanto-juvenil: fada madrinha de um currículo em crise ou gênero descartável para um leitor em transito I. In: \_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005. p. 17 – 24.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. Francisco Xavier Ferreira: os primeiros hinos impressos da região sul gaúcha. *Enlaces*, Rio Grande, n. 5, 2008, p. 16-21.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. Francisco Xavier Ferreira e o início da imprensa no extremo sul. *Mafuá*, Florianópolis, ano 7, n. 12, setembro 2009. Disponível em [www.mafua.ufsc.br/numero12/ensaios/cristina.htm](http://www.mafua.ufsc.br/numero12/ensaios/cristina.htm). Acesso em 22 mar. 2014.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas*. 2013 Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013. Disponível em: [www.ppgletras.furg.br/images/Dissertacoes\\_pdfs/JulianeMello.pdf](http://www.ppgletras.furg.br/images/Dissertacoes_pdfs/JulianeMello.pdf). Acesso em: 7 ago. 2017.

NEVES, Gervásio Rodrigo (Org.). *Coleção Recuperação e Memória da Imprensa no Rio Grande do Sul. Volume 1 – CD ROM O Noticiador*. Porto Alegre: I.H.G.R.G.S., 2008.

RIO-GRANDENSE. Rio Grande, jan.- jul. 1854.

SCHERER, Jovani de Souza. *Experiências de busca de liberdade: alforria e comunidade africana em Rio Grande, séc. XIX*. Dissertação de Mestrado (História) Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

VARGUES, I. . *A aprendizagem da cidadania em Portugal (1820-1823)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1997.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. As primeiras tipografias na cidade gaúcha de Rio Grande. In: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. Niterói:

UFF, 2009. Disponível em: <<http://www.fontes.furg.br/images/stories/ii%20lihed%20artur.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

VAZ, Artur Emilio Alarcon . José Manuel Rego Viana e Manuel José da Sillva Bastos, dois teatrólogos no início do sistema literário em Rio Grande. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2008, Rio Grande. *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros* (ENAPEL). Rio Grande: EdFURG, 2010. v. 1. p. 27-42.

VAZ, Artur Emilio Alarcon *et alli*. Imprensa, teatro, romance e folhetins: a formação da literatura no extremo sul brasileiro (1831-1869). *Para onde vão as Letras?: Os caminhos da Linguagem. Caderno de textos do XII EREL-SE*. Campinas : Unicamp, 2010. v. vii. p. 1-30. Disponível em <http://erelsudeste2010.webnode.com/volume-v>. Acesso em: 19 jun. 2017.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. A construção do leitor. In: \_\_\_\_ *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999. p. 13 – 57.

\_\_\_\_. A leitora no banco dos réus. In: \_\_\_\_ *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999. p. 235 – 305.

ANEXOS

Década de 1830

*Elogio recitado em o novo Teatro – Sete de Setembro – para celebrar o aniversário da nossa Independência, e abertura do mesmo teatro.*

Sem autoria.

É este, ó Cidadãos, é este o Dia  
 O Dia Redentor, Dia do Império,  
 Fonte de assombros, dádiva celeste.  
 Ó Dia “sempiterno”! Ó Dia sacro!  
 Em nome do Brasil eu te consagro  
 Cordiais expressões de um Povo livre;  
 Votos fidos do Povo Rio-grandense.  
 Sim, amigos da Pátria, é este o mesmo  
 Dia propício, venturoso, afável,  
 Em que a filha do Céu, a INDEPENDÊNCIA,  
 Encheu todo o Brasil, de luz extrema;  
 E ao nítido clarão, que a Deusa vibra  
 O infernal Dragão o despotismo,  
 De sórdidas harpias escoltado,  
 Nas cavernas do crime foi sumir-se.  
 Ó dia de prazer eu te bem digo!  
 Onze vezes assomas no Horizonte  
 Do Sol mais belo anunciando a vinda!

Se no Brasil pesava a férrea idade,  
 Sem um susto, e dor, a Pátria se envolvia,  
 Se o negro despotismo, atroz, sanhudo,  
 Indolente verdugo, ímpio, nefando,  
 Por espaço de séculos ignaros  
 A ferros novos ferros sobrepunha;  
 Se crebros ais, Brasil tu enviavas,  
 Aos Numes, e de bronze os Numes eram,  
 Um dia vingador chegar devia.  
 Que o Povo teu assas amortecido,  
 Acordando do apático letargo,  
 Clamasse afoito – INDEPENDÊNCIA – ou morte  
 Tempo já era de romper cadeias,  
 Que a tirania, que a traição forjava.

E assim como o denso ar nebuloso,  
 Não deixa a vista distinguir a Aurora,  
 Nem ousa acarear a Natureza  
 C’os sons, que lhe insinua o passarinho;  
 Mas, súbito, que assoma no Oriente  
 Os de Febo igníferos Etontes,  
 Tudo esvai-se, alue, e lusifica,

Campeã a nitidez, e de divisam  
 Centenas de objetos diferentes:  
 Tais, ó Pátria, jazi-o escondidos  
 Os denodados Corações que nutrem  
 Virtudes, que as dos Numes rivalizam.  
 Tais os filhos teus, cheios de brio,  
 Os ombros põem da Liberdade a empresa,  
 E ao Templo da memória se remonta-o  
 Transpondo as metas ao humano esforço:  
 O susto espanc( )o, que ocultaram sempre  
 Peitos que a glória no Porvir fitavam.  
 Tais fostes Vós, ditosos Paulistanos,  
 Que primeiro escutastes no Piranga  
 A Voz Sacrossanta INDEPENDÊNCIA,  
 E retumbando da Liberdade o Eco,  
 Difundiu no Brasil épocas de oiro,  
 Alvorço, prazer, dias plausíveis:  
 Da Pátria alegre já mostrando aos filhos  
 Os débeis pulsos seus inda arroxados,  
 Mas os ferros quebrados, e desfeitos,

Sem duvida: teus filhos, e os que acolhes  
 Com amor maternal, ó Pátria minha,  
 Protestam sustentar com nobre esforço,  
 O denodo feliz com que abisma-te  
 A nefanda arbitrária tirania:  
 E formes nos seus votos te afiançam  
 Odiar para sempre o torpe bando,  
 Das infames facções, que audazes tentam  
 O cetro espedaçar, sumir o Império,  
 E ofuscar a glória inacessível  
 Do Grande Dia SETE DE SETEMBRO.

Este dia Brilhante inda confere  
 Uma nova pasmosa maravilha,  
 Surdindo de improviso a pompa, e gosto  
 D'entre nuas paredes escabrosas,  
 Que d'Arte mostram o primor, e o Gênio.  
 Assim se diz, que outr'ora em ermos bosques,  
 Ao aceno das Fadas rebentarão  
 Assombrosos Castelos, altas Torres.  
 Maga ilusão! És tu, que entronizada  
 Sobre a cena, prestígios mil derramas,  
 Que os Países, e os tempos transmutando,  
 O Espectador atônito arremessas  
 De ficção em ficção ao cume excelso,  
 D'onde reside imorta a sã Verdade.

Magnífico Teatro eis surge, eis rompe  
 Nas Rio-Grandenses margens arenosas,

Que inda um dia virá, que rivalize  
 Com os da culta Europa, ou Grécia, ou Roma:  
 Ou com esses de quem, inda assombrada,  
 A antiga história aponta por modelos:  
 E dos mesmos Proscênios decantados,  
 Onde reinam Melpomene, e Tália,  
 A estrada seguirá, o altivo exemplo.  
 E Tá, Terêncio, emulo de Menandro,  
 Da Comédia Romana Vate illustre,  
 Na terça locução nobre, e faceto,  
 Farás aqui tão rápidos progressos,  
 Qu'a Fama os cantará por línguas cento,  
 E aos grandes Gênios lustrarás na Fama.  
 A escola da moral, sublime, egrégia,  
 Fará também tão dóceis os costumes,  
 Tão profícuas lições dará na Cena,  
 Que a Virtude luzir há de entre os risos,  
 E d'arte da ilusão tirar proveito.

Agora cordial fraternidade  
 Ligará Cidadãos, que se evitavam.  
 E como que uns aos outros se temiam:  
 O Sexo encantador, o Sexo amável  
 Por ciosos abusos condenado  
 A medroso encarar a Sociedade,  
 Depondo prejuízos, vai tornar-se  
 Da vida Social o atrativo.

Sim, florente Setembro, eterno ficas,  
 Da clara fama nos Anais famosos;  
 Dois prodígios te fazem mais notável,  
 Que não tem outros meses conseguido:  
 Por Decreto do Céu teu Dia sete  
 Outorgou ao Brasil a INDEPENDÊNCIA.  
 De Cidadãos, a esforços sobre-humanos,  
 Teu Nome singular gravado fica  
 Na frente majestosa do Teatro,  
 Onde ateste ao vindouro esparvo ido,  
 Os Feitos imortais dos Brasileiros,  
 Generosas Ações dos Rio-Grandenses.

*Sonetos recitados no Teatro na noite do Dia Sete de Abril*

Sem autoria.

Brasileiros! O amor da Liberdade  
 Foi sempre, e há de ser uma Virtude;  
 E um nobre direito, que se ilude,  
 Enquanto o não reclama a humanidade.

Se envelhecem as Leis, se a iniquidade;  
 Quer os Povos reger com cetro rude,  
 Pede a sábia razão, que este se mude  
 A prol, e bem-estar da Sociedade.

Avante, Brasileiros Generosos!  
 O Grande, o Imortal SETE DE ABRIL,  
 Vos tornou n'um momento venturosos:

Dos monstros não temais o oculto ardil,  
 A Pátria conta filhos valorosos,  
 Que a vida votaram pelo Brasil.

Se os Gregos, se os Romanos festejaram  
 Se os dias memoráveis, gloriosos;  
 Se estes dias, p'ra eles venturosos,  
 A públicos prazeres consagraram;

Se os Povos cultos sempre celebraram  
 Os dias em que Entes valerosos,  
 Mil feitos, mil prodígios espantosos,  
 A favor das Nações com honra obraram;

Onde colocarás, Brasil, O Dia,  
 Dia SETE DE ABRIL, que faz a glória  
 Da queda da nefária tirania?

Eleva a tua voz, canta a Vitória,  
 Celebra com prazer, com ufania,  
 O Dia, que faz honra a nossa História.

Salvo ó Dia Feliz! Celeste Dia.  
 Que a todo Brasil de glória encheste,  
 Da Escravidão o jugo despredeste,  
 E no abismo sumiste a tirania.

E Tu Brasil! A quem um Deus só guia,  
 Exulta de prazer, teu dia é este,  
 E se os contrários teus hoje venceste,  
 Salve o dia feliz. Celeste dia.

Embora queira infido escritor  
 Enegrecer teu brilho, Astro Baseiro,  
 Jamais ofuscará seu esplendor.

Ó Brasil só volvera ao cativoiro,

Que lhe prepara o vil restaurador,  
Quando não existir um Brasileiro.

*Elogio recitado por uma Menina no Teatro Sete de Setembro, no benefício a favor dos Expostos.*

Francisco Xavier Ferreira.

Quando vejo o Espetáculo brilhante  
De tantos Cidadãos, beneficentes,  
Que a porfia concorrem generosos  
Socorros a prestar à prol daqueles  
Estes sensíveis, desgraçados entes,  
A querer os mesmos pais, sem dor, sem pejo,  
Arrojaram de si à lar estranho;  
Quando observo o bom Povo Rio-Grandense,  
Vir hoje proteger, limpar o pranto,  
A tantos inocentes infelizes,  
Que sua compaixão eximia imploram;  
Extasiada então, reconhecida,  
Escuta a gratidão no centro d'alma.  
Que n'anda pressurosa dar-Vos Graças,  
Em meu nome, e da lagrimosa infância,  
Que apenas começando a dar um passo,  
E a débil voz soltar das tênues fauces,  
Sorrindo aos vossos dons, ao vosso afeto,  
Vem tributar-Vos sentimentos puros,  
Pelos meus ternos titubantes lábios.

Congresso Expectador, piedoso, amável,  
Que tanto hoje animais os meus ensaios,  
Fracos ensaios, que na grave Cena  
Débil Menina pávida começa  
A dar por espinhosa árdua vereda,  
Onde o Gênio talvez mais transcendente  
Muitas vezes se perde, e se extravia!  
Congresso Expectador! Ah! Se eu soubesse  
Debuxar-Vos o quadro verdadeiro  
Deste meu coração reconhecido,  
Falara então mais alto, ou excedera  
A esses sublimados Oradores  
De Grécia, e Roma Ídolos distintos.  
Das dádivas do Céu a mais excelsa,  
A que grata se torna ao Ser Supremo,  
É aquela que o homem vota, oferece  
A mísera indigência abandonada,  
Que o pranto enxuga ao triste inconsolável,  
Oprimido da lânguida pobreza.

Eis o quadro fiel, eis a pintura

De nossos males, da penúria nossa:  
 Eis de meus votos o último resumo,  
 E de minha alma a súplica veemente.  
 Sensíveis a meus lúgubres clamores,  
 Congresso Bem-feitor, preclaro, exímio,  
 Auxiliadora destra estendei prestes  
 A tantos inocentes sem amparo,  
 Sem pais, sem alimentos, sem vestidos,  
 Chorasas vítimas de infortúnio acerbo.

<< E se ante as almas, que a virtude acende,  
 E grande intercessor a adversidade>>  
 Nossa dor mitigai, tornai à vida  
 Débeis Meninos, que ainda um dia podem  
 Prestadios Serviços dar à Pátria,  
 Úteis Cidadãos vir ser um dia:  
 Que a tuba com que a Fama atroa o Globo  
 Veloz publicará dádivas vossas,  
 A vossa singular Beneficência,  
 A nossa gratidão, meu puro afeto.

*Elogio recitado no Dia dos faustíssimos anos de S. M. I. e C. o SR. D. PEDRO II., no Teatro SETE DE SETEMBRO.*

Francisco Xavier Ferreira.

Que alegre nesta Plaga tão fecunda,  
 Nesta rica Província dadivosa.  
 Vemos florida, entre listões dourados,  
 A bela, a majestosa Primavera  
 Do Anjo Tutelar do Augusto Império!!  
 Como soberba, entre jasmims, e rosas,  
 De claros atavios adornada,  
 Vaidosa se desvela a Natureza  
 Da aurora Sua abrilhantar a fronte!  
 Salve, Aurora feliz! Dia marcado  
 No grão Volume do Monarca Eterno  
 Onde os Destinos dos humanos surgem!  
 Cada vez que despontam teus fulgores,  
 Sombras rompendo, afugentando estrelas,  
 Áureas nuvens lúcidas pisando,  
 Mais risonho te vemos, Dia Excelso!  
 Nunca enegreçam chuvas procelosas,  
 Das horas tuas doce movimento,  
 Nem vento desabrido acalme as flores,  
 Que só para saudar-te desabroçam!

Da Província os planos não variam;  
 Natal do Semi-Deus, que o Brasil rege,  
 Lhe fixa a glória, seus destinos fixa;

E ao brado universal do Brasil todo,  
 À prol de PEDRO, IMPERADOR SEGUNDO,  
 Brasileiro pendão trêmula avante;  
 E patriotas = VIVAS = se repetem:  
 Vivas ardentes, não cessantes Preces,  
 Que gratos corações mandando aos lábios,  
 Votam ao Dia Natalício Egrégio  
 Do Jovem PEDRO, firme Esperança nossa,  
 Que jamais despontou, como hoje brilha!  
 Este fausto Natal, de glória fértil,  
 Época de Inocência, e de Ventura,  
 Milagrosos futuros nos promete,  
 Na glória, no prazer, nos bens sem conto  
 Que Este Infante Gentil à Pátria augura.

Debalde monstro de medonho aspecto,  
 E com diversas formas espantosas,  
 Sanguissedento, atroz, vil bando escravo,  
 Se esforça a agrilhoar Brasileiros pulsos  
 No férreo, antigo jugo, de colonos;  
 Debalde ímpia facção restauradora  
 Gravar intenta acicalado fervo  
 No quase exangue coração da Pátria,  
 Levando seu insano atrevimento  
 A propalar a volta audaciosa  
 Do que por incapaz abdicara;  
 Debalde, finalmente, a corja insana  
 De baixos infernais absolutistas,  
 Com tramas mil procuram arrogantes  
 No Pacto Social por mãos nefandas;  
 Frustrados serão sempre seus projetos,  
 Baquearam seus planos, seus autores  
 Envoltos nas ruínas, que traçaram.

E como conseguir, se PEDRO é nosso,  
 Se é Filho do Brasil, é BRASILEIRO?  
 E como conseguir se a Pátria conta  
 Milhares de intrépidos Leônidas,  
 Que desde Jaguarão ao Amazonas  
 --- Ou Morte, ou LIBERDADE --- é só seu grito?  
 Nova Era renasce em nosso Clima:  
 Desenruga-se o Fado, dos Céus desce  
 Estirpe nova, Estirpe Brasileira,  
 Sorriso virginal, Penhor Divino,  
 Aformoseia já os ares nossos:  
 Amor, Paz, Inocência PEDRO oferece  
 Dos Olhos seus na infantil Idade:  
 O Horóscopo feliz do Jovem Nume,  
 Luzindo, e vicejando em mil Virtudes,  
 Há de a Glória firmar do nosso Império

Do Mundo às Gerações fazendo espanto.  
 E a par das lindas divinais Irmãs,  
 Cópia das Graças, da Inocência cópia,  
 A par d'Esses Varões, que no Teu Nome  
 Da Nação ao destino hoje Presidem.  
 Cresce, brilha, prospera, exulta, ó JÓVEM,  
 Livre já dá fatal enfermidade,  
 Que mil sustos causou à Pátria aflita;

E quais teus Olhos são, teus Dias sejam,  
 Claros, formosos, inocentes, puros.

*Elogio recitado na noite do Dia Sete de Abril, no Teatro d'esta Vila.*

Sem autoria.

Assoma inda uma vez, à voz do Fado,  
 Ingente, Majestoso, e Benfazejo,  
 O Dia Nacional, Dia da Pátria!  
 De gala se reveste, em honra sua,  
 A Plaga do Brasil, áureo Terreno;  
 Seu Nome, seu feliz aniversário,  
 Que transportes, e júbilos desprende  
 Glória, Inveja, e Prazer ao Mundo excitam!

Dia Sete de d'Abril, Bem-vindo sejas!  
 Dia Sete d'Abril, mil Evos fuja  
 Sempre doce, e brilhante a Aurora Tua!  
 Mensageiro fiel d'aureos Decretos,  
 O Nume regedor de homens e Numes,  
 O princípio sem fim, Onisciente,  
 Autor do Céu, da Terra, e Natureza,  
 Nas faces tuas imprimindo o riso,  
 Os olhos divinais volvendo afáveis,  
 Iris de Paz te envia à Pátria aflita,  
 E teu clarão surgindo no Horizonte  
 Negras trevas espanca, o ar se azula,  
 Os espinhos se tornam páfias rosas,  
 E as garras da desgraça nos arrancas,  
 Honra, Glória e Louvor, sempre se votem  
 Aos Briosos, Ilustres fluminenses,  
 Magnânicos Heróis, ou Semideuses,  
 Que o Brasil libertaram neste Dia,  
 Seus Nomes, sua Fama, eternizando!  
 Embalde vil, indômita caterva,  
 Turma infame de audazes serracenos,  
 Do sangue Brasileiro insaturável,  
 Com tramas, com traições, e com ambages.

Procure inda outra vez unir os elos,  
 Do pesado grilhão, roto, e desfeito  
 Nos Campos fortuneiros do Ipiranga;  
 Embalde, finalmente, infernal corja  
 D'atroz caramurus-restauradores,  
 Com pérfidos motins, loucas discórdias  
 Pertinazes intentem pôr no Clío  
 O príncipe traidor, que abdicara;  
 Apesar desses plenos revoltosos  
 Mil vezes projetados e desfeitos,  
 A Nação Brasileira há de ser livre,  
 E esse bando de escravos bragantinos  
 Do fogo tragador tornando em cinzas,  
 Sem que restem dos míseros vestígios  
 Tristes sinais de tórridas ruínas:  
 O Dia chegará (e não está longe)  
 Da Nacional vindicta inexorável.

Sim, Abril imortal! Onipotente!  
 Hoje raiou mais bela, mais radiante  
 Do teu Astro Pomposo a Luz Fébea;  
 O vetusto Saturno a foice quebra,  
 Afasta as cans da frente, e o rosto alisa;  
 No teu Dia subiu, honrado à Terra,  
 Ao Trono do Brasil, o Jovem Pedro.  
 Divo inocente, fixa esperança nossa;  
 Regência Nacional na Lei firmada,  
 Em cujos Cidadãos o Trono escora,  
 Apura na virtude o Tito Infante;  
 A Justiça, Razão, deixando os Astros;  
 Vem dourar esta Plaga venturosa;  
 Os Pais da Pátria, Oráculos Supremos,  
 Breve vão promulgar Leis, e Reformas,  
 Que Jovem ditará a prol da Pátria;  
 Assim maiores Nós, que as Nações todas,  
 Havemos promover-lhe inveja e susto:  
 E Tu ó Redentor, Abril invicto,  
 De Jovem divinal presente sacro,  
 Galgando d'orbe em orbe ao Céu luzente,  
 No Sacrário dos Numes, Também Nume,  
 Irás luzir no Templo da Memória,  
 Formoso brilharás na Eternidade.

*Hino para se cantar no Teatro desta Vila na noite do Dia 3 de Maio de 1834.*

Francisco Xavier Ferreira.

Despontou risonho, e belo,  
 De Maio o dia terceiro!

Dia Excelso, Redentor,  
Dia sempre Brasileiro!

Tributemos reverentes,  
Sinceros, puros louvores,  
Da Nação aos Escolhidos,  
Do Brasil aos Defensores.

Venerando Aniversário,  
Teu Astro será eterno!  
Serás grande, inda a despeito  
Da vil cabala do inferno.

Denodados Patriotas,  
Estreitemos nossos laços;  
Quando não restauradores  
Cativaram nossos braços.

Assembleia do Brasil  
Nossa honra sustentai;  
D'infame restauração  
A Cara Pátria salvai.

#### Década de 1850

#### *ADEUS*

Santos Neves.

Não vás sem que primeiro te despeças  
De mim, que te hei seguido avidamente  
P'ra com meus versos te aplaudir!

Não partas

Sem a triste canção de minha lira  
Mais cheia de saudades e tormentos  
Que do prazer com que outrora ouvistes  
Cantar-te os feitos...

Oh! Não fora imenso

O direito que têm os Rio-grandenses  
De ver-te e te aplaudir, que neste instante  
— Ingrato — eu próprio te chamaria, artista!  
Homem primeiro do Universo, artista  
Imenso e sem rival, vê como é nobre  
Este pranto que em jorros se desliza  
D'um povo inteiro que te chora a fuga!  
E tu foges de nós? Por quê? Teus louros  
Acaso estranha destra aventureira  
Tentou mancha-los, disputando ousado  
Primazia que os numes te cederam?

Ou temes que este fogo se arrefeça  
 Em nossos peitos, porque mais não temos  
 Que dar-te, quando em tua frente pesa  
 Um laurel de brilhantes e em teu peito  
 De Cristo alto brasão se ostenta altivo?  
 Oh! Não julgues assim que se tens inda  
 Troféus a conquistar, nós temos indo  
 Patriótico ardor p'ra compensarmos  
 Teu mérito sem par, nos orgulhando  
 Em ver-te nosso artista, como a França  
 Em ver Talma outrora se orgulhava  
 Recebe o nosso ADEUS sulcando os mares  
 Alegre partes a colher mais louros  
 Enquanto nós aqui ficamos tristes  
 A tecer uma crina de saudades  
 P'ra cingir-te essa frente, quando um dia,  
 Mais felizes, de novo te aplaudirmos!  
 Parte, segue, e contigo o repertório  
 Dos teus triunfos mil conduz ufano  
 Aos que t'esperam ver, aos céus pedindo  
 Bonança e salvamento p'ra teu lenho!  
 Parte, segue, lá estão da glória as palmas  
 Do gênio as recompensas, e dos séculos  
 Um mármore onde o nome teu de artista  
 Eterno há de ficar em letras d'ouro!  
 Parte, segue, e de nós jamais t'esqueças,  
 Que de saudade, entre os arquejos tristes  
 Aqui ficamos a carpir-te a ausência!

*Soneto recitado por Teodolindo Antonio da Rosa:*

Aí o temos, altivo, o palco honrando  
 Esse raro prodígio americano,  
 Esse nume da cena – João Caetano –  
 Nossos vivos aplausos aceitando.

Orgulhoso este povo se exaltando  
 Nessa hora se confessa mais que ufano,  
 Feliz por te aí ver, sincero e lhano  
 Teu gênio com fervor admirando.

Benigno acedendo e bondadoso  
 Ao convite de um jovem dedicado,  
 Não temeu afrontar o mar undoso.

E deixando seu lar, e um povo amado,  
 Só por nos aprazer, bem que saudoso,  
 Ei-lo aí esse nume admirado!...

*Soneto recitado por Augusto Candido.*

Não basta, não, que a cândida amizade  
 Nos domésticos lares te encareça.  
 Oh! Bastos! é mister que se conheça  
 Do gênio teu a rara qualidade.

Buscas tenaz à força de vontade  
 Que entre nós o teatro se engrandeça,  
 E nada tens achado que te impeça  
 De dar prazer á ilustre mocidade.

Dos compromissos teus no desempenho  
 Se embaraços encontras, mais se exalta  
 Em superá-los teu fecundo engenho!

De teus feitos a fama é já mui alta!  
 Trazer da cena o rei foi teu empenho;  
 Tens feito tudo! nada mais te falta.

*Soneto recitado por Moura.*

Quem és tu?! quem és que tão ousado  
 Vens assim espantar a nossa mente?  
 Quem és, que assim eternamente,  
 Vens teu nome entre nós deixar gravado!?

Quem és tu?! que de si todo orgulhado,  
 Se apresenta entre os homens iminentes?  
 Quem és, que assim excitas tão ardente  
 Desta gente o aplauso afervorado?

Eis a voz que hoje este povo enobrecido  
 Julgando ser ilusão ou ser engano,  
 Repete a todo instante agradecido!

E que pode responder quem é humano?  
 Nada: que em todo mundo é conhecido  
 O nome imortal de João Caetano.

*Soneto de Antonio José Caetano da Silva, inspirado no poema declamado por João Caetano.*

Salve, Estrela do Palco! eu te saúdo,  
 Saúda-te este povo entusiasmado,  
 Que em êxtase sublime arrebatado  
 Te proclama um herói, de heróis escudo

És gênio... és mais que gênio, és gloria, és tudo,  
 És príncipe da cena! Avassalado.  
 Tens nossa admiração, o nosso agrado...  
 Salve, estrela do Palco! eu te saúdo.

Como ver-te é possível sem sentir  
 A mais viva emoção que sente a alma?  
 Quem te pode escutar sem te aplaudir?

Ateaste a efervescência em nossa calma,  
 Tens mágico poder, mago elixir  
 Que disputa a Talma a gloria, a palma!

*Soneto recitado por A. José Domingues.*

Artista entre os artistas sublimado  
 Colhe louro sem par nesta cidade,  
 Que confirme teu jus á eternidade,  
 Que abrilhante inda mais, te exalce o fado:

Tens sempre as simpatias conquistado,  
 Penhor deixando de imortal saudade,  
 Sustentando na cena a dignidade,  
 Tens cansado da fama o forte brado:

Tu vais sempre troféus amontoando,  
 Fogosos hinos a teu nome entoa  
 Este povo que honraste, visitando:

Além dos mares o teu gemido voa:  
 E nos fastos da glória fulgurando,  
 Elevado ao Zenith no mundo ecoa

### SAUDAÇÃO

Antônio José Domingues.

Que ao Ilustríssimo Senhor Comendador  
 JOÃO CAETANO DOS SANTOS  
 DIRIGEM OS PELOTENSES PELA SUA FAUSTISSIMA  
 VINDA A ESTA CIDADE.

Eis o gênio entre nós, ó Pelotenses!  
 Aplauso, e saudação ao rei da cena!  
 Aquele, cujo nome eterno louro,  
 Cingido pela mão da inteligência,  
 Há de a noite romper do esquecimento,  
 E vivaz solto pôr as leis da morte:  
 Aquele que, Melpômene, e Thalia

Proclama sem rival e que, a seu grado,  
Que exhibe do rei a vera imagem,  
Sobre o povo entornando a urna imensa,  
Que transmuda no Éden o pátrio solo,  
E tem sempre na destra o raio aceso,  
Para ao orço mandar do crime o espetro;  
Que tem para a virtude o riso, as graças,  
As palmas, o louvor, a recompensa;  
Que no seio da paz, delicias suas,  
De amar e ser amado o dom superno  
Desfruta, e bebe em taça deleitosa  
Ora ao palco nos traz o rei tirano,  
Com o férreo cetro os povos esmagando,  
Envolto sempre em turbilhões de fumo  
Do podre incenso, que lhe ofertam destras,  
No sangue da inocência enrubescidas,  
Coroados algoz dos antros espantosos  
Do sempiterno horror mandado aos homens,  
Para infligir-lhes punição terrível:  
Ora a vemos bramir, qual breme o triste,  
Da serpe do ciúme atassalhado.  
Já dos céus invocando o raio aceso,  
Já da terra ás entranhas reclamando  
Vulcões, abismos que os rivais sepultem;  
Ná que horror! o punhal acicalado  
No próprio coração cravando insano!  
Vereis sempre no palco o ator sublime,  
Lacerando do vício o pulcro manto,  
E a máscara falaz, que o torna a incautos  
Funesto escolho, de naufrágios fértil:  
Com o açoite em punho os membros lhe retalha,  
E o mostra as turbas, devorando as fezes  
Lá no fundo lhe pôs: ah! Quantas vezes  
Faz lágrimas verter mancebo estulto,  
Que no ardor das paixões tumultuosas  
Cego, e surdo à razão, recalitrando  
Aos conselhos do amor, aos da amizade,  
Vai das orgias do vício, e da torpeza  
Aos horrores do crime, e prematuro  
Expira ao golpe de cutelo infame!  
Quantas vezes, ó gênio, arrancas d'alma  
Do atento expectador os ais, o pranto,  
Que amiudados soluços interrompe,  
Invocando o favor da humanidade,  
Na miséria, na dor, na ignomínia,  
Na saudosa viuvez, na orfandade  
Os nobres corações que enternecidos  
Do infortúnio ao lar, ao vir da cena  
Levam ouro, prazer, ternura, e vida!  
Quando gênio do triste a causa advoga,

Até do avaro o coração se funde.  
Vereis sempre no palco o ator insigne,  
Dando sábias lições em que a virtude  
Aparece, afrontando a prepotência,  
Que a dobrar-lhe a cerviz em vão forceja;  
A calúnia, o desprezo, a dor, e a morte,  
Sem que vejam na luta esmorecer-lhe  
O brio, que no Céu lhe desce, e a forra  
De impérvia malha, que jamais despira:  
Ora a vedes no coche do triunfo  
Majestosa, e gentil, sempre modesta,  
Subindo ao capitólio ao som dos hinos,  
Onde a nua verdade, e são a justiça,  
E no centro a razão, lhe destinarão  
O diadema sem par, que simboliza  
O que guarda no Céu as almas grandes,  
Nos combates da vida acrisoladas.  
Só do artista profundo o grão talento  
Pode, o pó dos sepulcros conjurando,  
Á vida revocar heróis, que foram  
De inimigos terror, dos seus escudo;  
Um Régulo, nos ferros invencível,  
Que prefere tormentos espantosos  
A rasgar da palavra o selo augusto:  
Só do artista perfeito o grão talento.  
Sabe dar á moral, verniz. encantos.  
Docemente atraindo ás áureas redes  
Voláteis corações, que se recusam  
A bebê-la nas páginas do livro,  
Despido desses quadros dessa força,  
Que vibrado na ação, na voz, no gesto,  
Vai risonha, e sutil nos seios d'alma  
Gravar verdades, que indeléveis ficam,  
Se no proscênio assim coturno e seco  
Em mago filtro as almas enlevassem,  
Sem que audaz histrião de quando em quando  
Do decoro infringisse as leis sagradas,  
Assustando o pudor, manchando a cena,  
Virtude, e discrição sempre viriam  
Nesta escola estudar, qual é, qual fora,  
Qual o home há de ser no térreo globo.  
Quando um gênio, qual tu, lições difundi,  
A sanção do critério eleva a cena  
Ao nível dos oráculos de Têmis:  
Um gênio! Que potência! Um grande povo  
Pode, é certo, elevar mortal obscuro  
Da opulência ao fastígio, e até senta-lo  
Em áureo trono por Leões sustido;  
Bem pode improvisar té sobre as águas  
Vastíssima cidade, ou rico empório,

Levantar, destruir possante império,  
 Mas um gênio criar jamais lhe outorga  
 O Ser a Cujo sopro o homem deve  
 Esse cunho imortal, à Imagem d'Ele  
 Nestes versos não vê, ator sublime,  
 Da biforme lisonja a frase imunda;  
 A plena convicção dos Pelotenses  
 Por meu órgão te oferta um justo encômio,  
 Um padrão, que ao porvir revele, ateste  
 O mérito sem par, em ti refulge.  
 O teu nome tão caro à humanidade.  
 Por tantas oblações, e sacrifícios,  
 Já tão caro ao Brasil, e aos povos cultos,  
 Onde a fama a cem vozes o proclama,  
 O teu nome do olvido isento e salvo,  
 E entre as glórias do Pátria refulgente,  
 Gravado pelo amor no centro fica  
 Dos gratos corações do Pelotences  
 Aplauso, e saudação ao rei da cena!

*Ao Illm. Sr. Comendador João Caetano dos Santos*  
 “Uma Pelotense”.

Se eu tivesse uma lira tão suave  
 Que tivesse os doces sons, os sons sublimes,  
 Que ainda há pouco por Ti foram ouvidos,  
 Do ilustre Varão, do Vate ilustre  
 A quem consagro respeito e amizade;  
 Então audaz suas cordas vibraria,  
 Para no mesmo recinto decantar-te.  
 Porém há! tudo me falta, a lira é rouca,  
 O estro é fraco, e de louvar-Te, indigno;  
 Como pode cantar um fraco estro?  
 Os portentes, a arte, os dons imensos,  
 Reunidos em um ente admirável  
 Num dileto singular da Natureza?  
 Devia emudecer meu rude estro,  
 Minha Lira sem voz, calar devia,  
 Porém o que me anima, o que me inspira,  
 É querer inda mesmo em fraco verso,  
 Mostrar que Te consagro Simpatia;  
 Não só pelos altos dons que Te enobrecem  
 Como pelas virtudes que Te adornam.  
 Ah! quantas vezes eu em Ti pensado,  
 Desejava ver-Te, desejava ouvir-Te.  
 Eis que chega este dia desejado,  
 Mas não foi entre aplausos de Alegria,  
 Nem entre turbilhões de entusiasmo,  
 Como és distinguido em toda parte

Que pode distinguir-Te e conhecer-Te.  
 Quis aquele Senhor, que tanto Te ama  
 Que tanto Tem-Te enchido de favores,  
 Que em seu Templo, eu te visse a vez primeira  
 À seus pés tributando-lhe homenagens;  
 Mas que dignidade! que grandeza.  
 Em Ti resplandecia, humilhando-Te,  
 Ante as aras do Senhor, do Ser Eterno!  
 Então minha alma exultando de prazer  
 De repente soltou estes colóquios:  
 É aquele sem duvida, o grande Artista,  
 É aquele sem dúvida o homem grande,  
 É aquele que respeita as leis sagradas,  
 Que atento à santa voz do Evangelho,  
 Enxuga o pranto, e acolhe o desvalido,  
 É aquele que no seu coração tocam  
 O clamor, os tristes ais do indigente,  
 He aquele, que acudiu, correu com pressa,  
 A cortar da miséria o horrível estrago,  
 Estendendo sua mão beneficente  
 Além de imensos mares alongados,  
 Minorando da Esposa, e filhos caros  
 Dos seus Tesouros, uma grande parte  
 Com fadigas e insônias alcançados  
 Para acudir a Humanidade aflita,  
 Sensível no clamor, aos ais, ao pranto.  
 De longínquas terras, de estrangeiros lares.  
 Bem atestam, Senhor, estas verdades,  
 A nobre condecoração que te orna o peito,  
 Ela está repetindo sem cessar,  
**HEROÍSMO! GÊNIO GRANDE! CARIDADE!**  
 Sensível coração caritativo  
 Cobre este peito que me honro ornar.  
 Tais virtudes, Senhor, juntas aos dons  
 Que possuis em um grau tão iminente.  
 Imortal o teu nome já fizeram  
 E imortal Te farão na pátria Eterna.

ADEUS

Francisco Gonçalves Braga

Illm. Sr. Commendador  
 João Caetano dos Santos  
 por ocasião  
 De retirar-se para a  
 Província de S. Pedro do Sul,

Deixar-nos vais enfim! À tua gloria

Um louro verdejante vais juntar,  
Vais os – Rio Grandenses abismar, –

Parte ufano, e leva na memória  
O que esquecer não deves, sim lembrar,  
Um povo que aqui fica a lastimar  
Tua ausência saudosa e merencória!

Mas volta breve, que por ti suspira  
Um povo inteiro que na ausência chora,  
Nossa cena também, sem ti, delira

A minha são verdade escuta agora:  
Se o povo Fluminense te admira,  
Minh'alma faz mais, porque te adora!

*Soneto com autoria de Antonio José dos Santos Neves.*

Dos anjos na mansão bem haja a filha  
De Pedro herói dos lusos soberana,  
Que teus feitos pagou, dando-te ufana  
Brasões de Cristo que em teu peito brilha.

Meu estro que em te ouvir se maravilha,  
Em chamar-te seu Deus jamais se engana  
Por ele não concede a espécie humana  
Esse gênio ante o qual Talma se humilha.

Há no Brasil, na América, no mundo  
Três nomes que conquistam dos mortais  
O pasmo e o acatamento o mais profundo

A história os aponta sem rivais,  
Sem realeza q ver – Pedro segundo,  
João Caetano e Mont'Alverne iguaes